

































































































































































































Ao que parece a intenção do fotógrafo era justamente mostrar a grande construção do mercado Municipal, símbolo de prosperidade e modernidade do Município. Observa-se que a feira gravitava em torno do mercado. Os feirantes colocavam suas mercadorias no chão e ali mesmo negociavam. No primeiro plano da imagem constata-se a presença do jegue com o panacúm sobre os lombos. Esse animal era o meio de locomoção mais usado na época, e até hoje, ainda é usado por muitos lavradores que se dirigem as feiras nos dias de sábado e/ou domingo para vender seus produtos. Até 1970 o meio de transporte mais usado pelos lavradores para se dirigirem às feiras era o cavalo e o burro. Somente a partir da década de 1970 e 1980 que outros veículos como o automóvel e a moto começam a ser usados por alguns poucos agricultores que podiam adquiri-los. Não obstante, o uso do cavalo ainda permanece no século XXI conforme a fotografia abaixo:



**Figura 43 – Fotografia da feira livre de Muritiba no final década 2012 - adquirida durante a pesquisa de campo.**

Apesar das transformações nos meios de transporte devido à instalação da indústria automobilística no Brasil, principalmente a partir da década de 1960, os meios tradicionais de locomoção ainda permanecem sendo uma opção para muitos agricultores do Recôncavo em pleno ano de 2012. O cavalo e o burro ainda permanecem sendo o meio de transporte para muitos lavradores para se deslocam para o espaço urbano.

A pesquisa de campo fez perceber a quantidade expressiva de animais nas feiras da região demonstrando que as viagens de “animá” ainda é uma opção para muitos trabalhadores rurais, seja pela força da tradição da montaria, seja por não possuir recurso para comprar uma moto ou um carro.

Nesse sentido, para o trabalhador rural de São José do Itaporã a vida era marcada por constante trabalho, seja na roça de fumo e mandioca, bem como em outras culturas de subsistências como batata, macaxeira, amendoim e milho. Esses agricultores, apesar do trabalho duro nos roçados ainda tinham que viajar constantemente para as feiras próximas a fim de vender seus excedentes.

Portanto, os circuitos das feiras das cidades circunvizinhas a Vila de São José de Itaporã permitiram que muitos desses lavradores adquirissem algum dinheiro para cobrir as necessidades básicas de suas famílias. Essa vida de lavrador durante uma parte da semana e em outros dias como comerciantes foi uma das estratégias econômicas que possibilitou esses trabalhadores a permanecerem na zona rural mesmo possuindo pequenos lotes de terra.

### **1.3 – Os trabalhadores rurais e a perspectiva de estudo.**

Tendo uma vida marcada pelo trabalho, às cinco horas da manhã já é tarde para um lavrador da Vila de São José do Itaporã levantar-se para trabalhar. Sujeito transformador do espaço em que vive, iniciava seu dia de trabalho com suas orações e suas crenças — como observa-se na fala de Dona Francisquinha; “é meu filho, agente aqui benze o dia, é sim! Os mais velho sempre dizia que o home não pode deixar o sol passar por cima da cabeça se não, não cria família, né? Tem que benzer o dia”.<sup>166</sup>

Como matriarca Dona Francisquinha está sempre tentando fazer seus netos aprenderem um conjunto de rezas que ela aprendeu com sua mãe. Em seu depoimento nota-se que o "nascido" do sol na Vila do São José está relacionando com a prosperidade, pois o homem tem que acordar cedo e ir para “trabalhar buscando o seu sustentar a sua família”. O trabalho vinha junto com o dia e, tendo os valores do “catolicismo” bem como práticas oriundas de religiões de matriz africana como "pano de fundo" de muitas ações destes trabalhadores, era preciso “benzer o dia” para que este trouxesse prosperidade e alívio para o “duro” trabalho no roçado.

O trabalho no distrito de São José do Itaporã não se manifesta como algo fechado em si, uma vez que, não se revela unicamente enquanto fenômeno para a manutenção da vida, contudo, constitui-se ainda como um dos momentos em que os “sujeitos” sociais constituidores deste espaço trocam experiências, manifestam solidariedade e, sobretudo, si divertem. Entretanto, isto não implica em dizer que inexistia exploração e tensões entre os

---

<sup>166</sup> Narrativa de D. Francisquinha Filha Virgilio.

próprios lavradores, já que em todos espaços sociais estão presentes relações de poder que permeiam as vivências dos homens e mulheres, seja no campo, seja nas cidades.<sup>167</sup>

Por exemplo, em São José do Itaporã a marcação de uma cerca que tomava alguns metros do terreno alheio, o não convidar um vizinho para um adjutório ou uma festividade como o caruru de Cosme e Damião, bem como um batizando ou um casamento resultava entre os lavradores motivo suficiente para desenvolverem uma atitude áspera em relação ao outro.<sup>168</sup>

Essas tensões também se apresentavam no cotidiano quando um determinado agricultor fazia um bom negócio e ganhava um bom dinheiro, tornado-se, como os lavradores dizem, o “barão” da localidade. O fato de possuir mais dinheiro, mais terra e até mesmo um meio de transporte próprio o tornava, de modo simbólico, um líder da comunidade, mas de alguma maneira convergia em trono dele diversos lavradores interessados em acabar com o seu prestígio e tomar o seu lugar de liderança.<sup>169</sup>

Ora, se por um lado prevalecia o sentimento de solidariedade entre os lavradores, isto não implica em dizer que não havia contendas até mesmo entre as famílias, as quais sendo um “campo de tensão”, estavam em alguns casos em “pé de guerra” quando se tratava, sobretudo, da divisão de heranças de terras e outros bens familiares.

Não obstante, sobre os relatos dos trabalhadores, temos a consciência de que muito do que fora por eles externado em suas narrativas de vida encontra-se fortemente marcado pelo presente, pois, como nos chama a atenção Alistar Thomson (1997):

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um segundo sentido mais psicológico da composição: a necessidade de compor o passado com o qual possamos viver. Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade.<sup>170</sup>

As reminiscências dos trabalhadores aqui estudados estão marcadas por uma composição “forjada” no presente, que passa pelas suas indagações e embates do cotidiano. O trabalho na roça, na Vila de São José do Itaporã, se iniciava logo na infância — muitos dos nossos entrevistados afirmaram ter iniciado seu trabalho nos roçados em torno de dez à doze anos. Foi por meio do trabalho nas lavouras que os filhos apreendiam muito da cultura da região, os aboios, as cantigas, os versos e, sobretudo, os valores que eram transmitidos ali no

<sup>167</sup> FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. RJ: Ed. Graal, 1979.

<sup>168</sup> Observação participante e conversas informais com os lavradores anotadas na caderneta de campo.

<sup>169</sup> *idem*

<sup>170</sup> THOMSON, A. **Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias**. Projeto História, SP. 1997.

“cabo da enxada” — um junto ao outro — ouvindo sempre os pais dizerem “tem que trabalhar para melhorar a vida”.<sup>171</sup>

Até meados do início da década de 1980 não havia muita perspectiva de estudo, pois não havia escolas na Vila, para estudar era necessário ir para Cruz das Almas, pois era a cidade mais próxima. Foi somente no final da década de 1970 que se construiu uma escola de ensino fundamental na Vila de São José de Itaporã conforme a fotografia abaixo;



**Figura 44 – Fotografia da inauguração de uma escola em São José do Itaporã / 1970 - adquirida durante a pesquisa de campo / Encontra-se na Arquivo da Câmara Municipal de Muritiba - Bahia.**

A inauguração foi marcada por grande festividade. Na foto percebe-se que estiveram presentes as lideranças do Município de Muritiba como - da esquerda para direita - o vereador Plácido de Queiroz, a Professora Etelvina, o Sr Carlito, e o então Prefeito Clementino Pereira Fraga, além de crianças e senhoras que manifestavam alegria pela possibilidade de estudar. A participação da comunidade foi expressiva, pois era um marco para a Vila de São José receber uma escola de Primeiro Grau. A fotografia abaixo aponta a multidão que compareceu para a inauguração:

---

<sup>171</sup> Narrativa de D. Francisquinha Filha Virgilio.



Figura 45 – Fotografia da inauguração de uma escola em São José do Itaporã /1970 -  
Encontra-se no Arquivo da Câmara Municipal de Muritiba - Bahia.

A escola Joaquim Pereira da Silva foi de grande importância para a população de São José no início da década de 1980, pois construiu possibilidades para os lavradores estudarem sem ter que se deslocar cotidianamente para os municípios vizinhos, sobretudo para o Colégio Alberto Torres localizado em Cruz das Almas. Estudava-se até o quinto ano do ensino fundamental, antes chamado de quarta série do primeiro grau. Isabel Ribeiro diz que; “Foi nesta escola que meu irmão Manoel estudou até a quarta série. A professora Etelvina era conhecida pela sabedoria, é ela jogava duro com os alunos.”<sup>172</sup>

Os homens se dedicavam um pouco mais à escola, porém, mal terminavam a quarta série. Já as mulheres, essas não podiam sonhar em estudar “para não mandar bilhete, nem namorar”.<sup>173</sup> Para elas a vida se resumia numa constante preparação para o casamento e para o trabalho na roça. Sobre a questão do estudo e do namoro pode-se observar o que diz Isabel Ribeiro; “porque achava quê! Pra quê ficar na escola? Não ia resolver nada, tinha mesmo que trabalhar mesmo. Dizia também para as moça não ir namorar”.<sup>174</sup> Os pais não acreditavam que o estudo pudesse mudar a vida dos seus filhos, mas tão somente o trabalho no roçado é que os levaria ao “progresso econômico”. Os meninos, filhos de pequenos posseiros de terra, se lançavam logo ao trabalho na lavoura de fumo e mandioca. Eles trabalhavam no roçado dos pais e em roçadinhos que plantavam para si.<sup>175</sup>

<sup>172</sup> Idem

<sup>173</sup> Narrativa de Isabel Ribeiro

<sup>174</sup> Idem.

<sup>175</sup> Heredia, Beatriz Maria Alásia de. **A Morada da Vida: Trabalho Familiar de Pequenos Produtores do Nordeste do Brasil**. RJ: Paz e Terra, 1979. A autora discute questões referentes ao roçado e ao roçadinho no capítulo V, que nos deu grande contribuições para entender aspectos da produção familiar dos trabalhadores rurais do São José do Itaporã.

Com a venda do produto retirado dos roçados os adolescentes comprovavam “uma roupinha no São João e no Nata.”<sup>176</sup> O trabalho no roçado não era exclusivamente dos meninos, as meninas também trabalhavam na lavoura, como percebe-se na fala de Isabel Ribeiro: “eu trabalhava na roça, plantava fumo, feijão, amendoim, era, eu trabalhava na enxada”.<sup>177</sup>

A vida na roça com o agravante de possuir pequenas extensões de terra impunha a necessidade de toda família trabalhar numa busca incessante por dias melhores. Portanto, a escola para os trabalhadores rurais de São José do Itaporã não se configurava como um meio para que se chegasse a melhor condição de vida, Dona Francisquinha ainda diz: “Que escola foi que eu tive meu filho, minha escola foi o cabo de enxada, tinha uma escola aí para cima, mais quem ia lá, um ou outro que ia”.<sup>178</sup>

A escola para os mais idosos era um sonho, porém tudo indica que existia alguma forma de ensino na Vila entre as décadas de 1940 e 1950, período da mocidade de Dona Francisquinha que nesta época tinha seus vinte anos de idade. Por conseguinte, as evidências apontam que a geração subsequente a de Dona Francisquinha alcançou nível maior de escolaridade. Como Dona Francisquinha, várias pessoas passaram pelo o mesmo problema em relação à educação, viveram quase toda a vida nos roçados. Para ela, e para quase toda as pessoas daquela localidade, o que bastava era o mínimo necessário para se viver, algo mais era supérfluo, estudar seria luxo e o desejo de aprender talvez fosse somente sonho.

Hoggart descreve como se dava o comportamento dos trabalhadores ingleses frente à educação. Para ele a educação entre os trabalhadores Ingleses não era vista como uma possibilidade de conseguir ascender economicamente. Nota-se, portanto, que a idéia inglesa de educação entre os trabalhadores rurais se mostra de forma parecida com a visão sobre a educação dos trabalhadores de São José do Itaporã nas últimas décadas do século XX.<sup>179</sup>

Como foi dito o trabalho na roça demanda muito do corpo humano, os calos nas mãos dos trabalhadores, o rosto “queimado” do sol traz as evidências de um trabalho “duro” que nos últimos anos vem sendo rejeitado pelas novas gerações que preferem se dedicar a trabalhar no comércio na cidade até por que muitos dos jovens vêm concluindo o ensino médio. Benedito Amariano um trabalhador rural fala como se dava o trabalho na roça:

---

<sup>176</sup> Narrativa de Isabel Ribeiro.

<sup>177</sup> Idem

<sup>178</sup> Narrativa de D. Francisquinha Filha Virgilio.

<sup>179</sup> HOGGART, R. **As Utilizações da Cultura: Aspectos da Vida Cultural da Classe trabalhadora.** vol. I, Lisboa: Presença, 1973.

Antigamente o trabalho era encher cesto, era para pegar cesto cheio de laranja para jogar em cima dentro do panacum do jegue, tudo isso, encher carro. Pegava de madrugada para quando fosse no outro dia enfrentar a vida novamente , porque a gente... a gente trabalhava nesse negócio de lavoura, esses negócio... era pá, pá capinar, era pá encher.<sup>180</sup>

As reticências representam momentos da entrevista em que Benedito Amariano refletia sobre o que iria falar em uma atitude que parecia estar compondo naquele momento o seu passado, fazendo recortes consciente ou inconscientemente do que era para ele conveniente deixar externar.<sup>181</sup>

O fragmento da narrativa de Amariano nos mostra como era "duro" o cotidiano de um trabalhador rural; carregar cestos de laranja, capinar tarefas da terra, era um trabalho exaustivo, mas sempre acompanhado de causos e músicas no cotidiano. Era preciso ter coragem para "no outro dia enfrentar a vida novamente". Benedito Amariano é um dos muitos trabalhadores que tem "pouca terra" para trabalhar, por isso o mesmo sempre lavrou terras de pequenos e médios proprietários da região. Sobre o seu trabalho ele diz: "a gente (ele) não tem muita terra, tinha que trabalhar para eles, tem que capinar terra, deixar as terra tudo limpa, que quando o patrão chegasse tava tudo limpo as terra".<sup>182</sup>

No seu relato há uma "fusão" de tempos. As suas reminiscências se compõem de modo que o presente e o passado se fundem e se entrelaçam de forma que a sua fala não se apresenta como um composto diacrônico, no qual o tempo não é homogêneo, mas é sim uma fala que se dá em um composto dialético entre o seu passado e seu presente produzindo sínteses que apresentam diversas temporalidades em sua narrativa. Nesse sentido, pode-se dizer que a memória humana se compõe a partir do resultado da experimentação na vida cotidiana em suas múltiplas matizes temporais. Ela é resultado de uma "fusão" de tempos que se apresenta nas narrativas dos homens e mulheres no momento em que buscam externar uma experiência vivida.

A narrativa de Amariano apresenta a dimensão da relação do trabalhador rural com o patrão fazendeiro ou médio proprietário. Era preciso fazer tudo bem feito para quando "o patrão chegasse estivesse tudo limpo" — Era uma tentativa constante de agradar o empregador possuidor da terra, a fim de que o mesmo continuasse lhe deixando trabalhar e

---

<sup>180</sup> Narrativa de Benedito Amariano Fonseca, 30 anos, residente na localidade da Pindobeira, interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada em 20/05/2001.

<sup>181</sup> THOMSON, A. **Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias**. Projeto História, SP: 1997.

<sup>182</sup> Narrativa do Sr. Bendito Amariano Fonseca.

retirar o seu sustento sem precisar migrar para outras cidades "abandonando" sua cultura e o seu povo.

A vida na roça não está circunscrita somente ao trabalho árduo, ela está envolta a diversas peculiaridades que tornam suportável, até certo ponto, o trabalho na lavoura. Estas peculiaridades estão "escritas" na memória coletiva dos trabalhadores rurais, manifestando-se no real concreto, nas festas, nas danças ao luar, na mitologia, enfim, em todo o aparato simbólico que permeia o imaginário destes trabalhadores.

Muitos dos lavradores conseguiram se manter com suas produção de fumo e farinha de mandioca. Para permanecer na Vila eles precisaram trabalhar nos roçados dos médios proprietários. Esta forma de trabalho não era marcada por uma relação salarial, configurava-se no que os trabalhadores de São José chamavam de "bistunta". Sobre essa relação de trabalho fala o Sr. Osvaldo:

Ganhando dinheiro a gente vai assim, fazendo bistunta, chega ali, como aquela laranja que tá ali ( apontando com o mão), o cabra falava assim; -quanto você pega aquela laranja ali? A gente fala assim: - Eu pego por quarenta real. O cabra falava assim; há não, eu dou trinta e cinco. E a gente dizia: - não, dê trinta e oito. Aí, ai subia e descia, a gente ficava, aí capinava aquela terra toda, quando a gente achava outro, quando não achava ficava em casa parado, o negocio só é ruim isso na roça, por que também não dá direto.<sup>183</sup>

O relato do Sr. Osvaldo nos esclarece o que era a bistunta, — um termo desconhecido dos nossos dicionários. Ao que parece era uma forma de empreitada, na qual após uma negociação em relação ao valor pago pela realização do serviço, o trabalhador rural se comprometia em realizá-lo através de um contrato oral.

Para cumprir de forma "rápida" a bistunta, o trabalhador se valia de toda a família para executar o trabalho.<sup>184</sup> Dessa forma, o grupo familiar estava sempre coeso, sendo fácil a transmissão oral das tradições e dos costumes. Como acentua E. P. Thompson; "as tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares".<sup>185</sup> Ainda sobre a bistunta ela se dava de duas formas; "a seco e a molhado", como nos diz ainda Sr. Osvaldo:

<sup>183</sup> Narrativa do Sr. Osvaldo da Silva.

<sup>184</sup> Cumprimento do trabalho "rápido" não quer dizer que o trabalhador rural do interior da Vila do São José do Itaporã seja "escravo" do seu trabalho, nem tenha em mente "o tempo do trabalho nas indústrias — Ver E.P. Thompson. Costumes em Comum — ele faz o seu tempo, não deixando ser oprimido por ele, o tempo existe para ele executar suas tarefas, mas ele não é um ser "escravo" do tempo.

<sup>185</sup> THOMPSON, E.P. Op.Cit. P.18.

<sup>74</sup> Narrativa do Sr. Osvaldo da Silva.

A bistunta a molhada é por que tinha casa, exemplo eu vou trabalhar na casa de Luiz. Chega lá ele me dá um prato de comida né? Me dá tudo e tem casa que você acha uma água a pulso, então a seco é trabalhou, vem embora, não come, não bebi na casa daquela pessoa, a molhado come e bebi.<sup>186</sup>

A narrativa do Sr. Osvaldo mostra que a relação de trabalho entre lavrador e fazendeiro ou qualquer outra pessoa que o contratasse era negociada antes da realização do serviço. O cumprimento do trabalho a seco representava a exploração ao máximo do trabalhador. Este, às vezes deslocava-se grandes distancias para trabalhar, sendo que até mesmo a água lhe era negada.

Consciente da exploração, o trabalhador rural levava o seu alimento. Quando não o tinha, se valia das frutas, pois na década de 60 havia fartura de frutas como jaca, mamão na região — somente com o aumento da criação do gado nas décadas posteriores, principalmente na década de 70, quando houve uma grande devastação da mata Atlântica findou, assim, a fartura de frutas havendo transformação de extensas áreas da mata em grandes pastos, como nos diz o Sr. Osvaldo: "Foi de 70 a 80 pra cá, foi, que começou se criar muito boi, aí que nem é aqui, o pasto de Dr. Manoel roçou tudo. Hoje tem meio mundo de gado, acabou toda mata".<sup>187</sup>

Muitos pequenos proprietários contribuíram com sua força de trabalho para a derrubada das árvores nas proximidades da Vila do São José do Itaporã. Como foi acentuado pelo Sr. Osvaldo, as décadas de 70 e 80 trouxeram consigo o aumento da criação de gado e a destruição das ricas matas com suas frutas e com seus animais de caça. A fotografia abaixo traz evidências da destruição que foi realizada na década de 70 nas proximidades da Vila do São José;

---

<sup>187</sup> idem



**Figura 46 – Pasto pertencente ao Sr. Mauro Machado – São José do Itaporã (fotografia adquirida na pesquisa – 2002)**

Observar-se na imagem algumas árvores que foram poupadas para fazer sombra para o gado. Existe também uma lagoa que saciou a sede de muitos trabalhadores — "a água da lagoa dava até pá beber."<sup>188</sup> Hoje boa parte da lagoa foi aterrada e o que restou é de uso exclusivo do gado. No primeiro plano da fotografia se manifesta a evidência do fator que causou todo desmatamento na região — a criação bovina — trazendo mudanças bruscas nos espaços rurais do Recôncavo Sul.

Outro elemento importante é o fato do trabalho na Vila do São José do Itaporã ser marcado pela intimidade destes lavradores com a natureza. Um exemplo é a Serra do São José, conhecida como Serra do Aporá, local onde foi construída há pouco tempo uma Capela. A Serra faz parte do imaginário destes "sujeitos" sociais, pois, como explica Simon Schama: "Paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetada sobre mata, água e rochas".<sup>189</sup> Dessa forma, observa-se que as imagens projetadas nas memórias dos trabalhadores é uma projeção cultural consciente ou inconsciente em relação a uma realidade concreta. Sr. Osvaldo nos relata sobre o que existia quando ele herdou a terra do seu pai:

Quando cheguei para aqui, isso aqui era pura mata, aqui mesmo onde nós estamos, aqui era sucupira, pau pombo, candeia e esse limão brabo. Que a gente sofreu, sofre aqui, que o Velho ( pai dele) não me deu assim não! O Velho, mim deu foi um mato, vá lá, si vira, lá, peguei a foice, picareta, cai pra dentro, arranquei tudo na mão

<sup>188</sup> idem. ibidem

<sup>189</sup> SCHAMA, S. **Paisagem e Memória**. SP. Companhia das letras, 1976.

grande, aí fiz a roça, né? Mas só encontremos mato, o mato fechado, aí fomo roçando, roçando, roçando e plantando roça e fazendo casa, aí hoje acabou o mato todo né? Só tem mesmo laranja, limão(...) fumo, mandioca, amendoim que planta assim, onde existe um matozinho é na serra, você chega na serra você vê mato, mais o pessoal tava roçando a Serra para fazer pasto, o Ibama botou uma placa lá que não é pra arrancar nem um pé de melão.<sup>190</sup>

A narrativa do Sr. Osvaldo mostra a composição que existia das árvores nas matas da região; "era sucupira, pau pombo, candeia". Muitas vezes estas árvores serviam para fazer a sustentação dos telhados das casas; delas também se fazia bancos, camas e outros móveis — objetos feitos com madeiras existentes no mesmo local onde viviam os trabalhadores. As matas também forneciam a lenha para o cozimento dos alimentos.

As reminiscências do Sr. Osvaldo projetam, também, todo um imaginário sobre o espaço em que o mesmo vive. Um imaginário "forjado" na cultura, no cotidiano em que os olhos faziam os “recortes do real” concreto transformando a paisagem num acúmulo de memórias, como acentua Schama: “Uma árvore nunca é apenas uma árvore, a natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo. Em cada árvore, cada rio e em cada pedra estão depositados séculos de memória”.<sup>191</sup>

Nesse sentido, entendemos que a memória das pessoas é que dá o sentido a existência das coisas e, sobretudo, da vida humana. O fragmento da narrativa do Sr. Osvaldo nos mostra, também, que os trabalhadores rurais ao receberem suas pequenas heranças tinham que transformar a mata fechada em roça para trabalhar.

O trabalho na roça para aqueles que possuíam "pouca terra" foi marcado por uma constante luta pela sobrevivência, pois nem todos os lavradores vendiam suas terras e partiam para as cidades; muitos se lançaram nos roçados, no plantio do fumo, nas casas de farinha. Quando, porém, não conseguiam se sustentar com o trabalho exercido sobre sua própria terra vendiam sua mão-de-obra para os fazendeiros locais e da região.

A relação entre os trabalhadores rurais e os fazendeiros era marcada por contratos orais, nos quais a palavra configurava-se como a assinatura em uma época em que aqueles homens — tanto trabalhadores quanto fazendeiros — davam grande importância à palavra, uma vez que descumpri-la significava não honrar com o compromisso tornando-se perante a sociedade um sujeito mentiroso e não confiável.

Portanto, o trabalho na roça era árduo, mas isso não implicava em dizer que tempos de alegria não existia para os trabalhadores rurais de São José do Itaporã, pois a alegria estava

<sup>190</sup> Narrativa do Sr. Osvaldo da Silva.

<sup>191</sup> SHAMA, S. Op. Cit.

sempre presente nos festejos constantes, e em momentos de trabalho poderiam se apresentar, como era o caso dos adjutórios.

Com uma vida marcada pela labuta com a terra, a vida os lavradores de São José do Itaporã se constituía em criar estratégias para sobreviver. Para tanto, trabalhar era preciso, seja no seu roçado ou vendendo sua mão-de-obra. Para eles quando o dia estava prestes a "nascer" já estavam prontos pra "enfrentar a vida" lutando para não deixar o seu lugar, o seu espaço de vivências onde tradições e costumes se constituíam no alicerce, no qual se assentava o sentimento de pertencimento a sua terra.

### **CAPITULO III**

**TRABALHO, TRADIÇÕES E LAZER: O COTIDIANO DOS LAVRADORES DA VILA DE SÃO JOSÉ DO ITAPORÃ - BAHIA.**

## 1 - As Tradições e os Costumes: Aspectos da Vida no Campo

O cotidiano dos trabalhadores rurais de São José do Itaporã é marcado por um calendário de festejos e comemorações. Ainda que o trabalho seja constante, existem momentos de lazer, festas, casamentos, batizados, que se constituem em tempos de alegria e diversão para as famílias dos lavradores.

A vida dos trabalhadores rurais do distrito de São José do Itaporã, bem como da maioria dos lavradores do Recôncavo sul, é marcada por uma diversidade cultural que se manifesta a todo instante, pois é no seu cotidiano que está cultura toma forma, seja nos modos de trabalhar, comer, falar, festejar e celebrar, enfim, a cultura rural se traduz em práticas na experimentação do viver no campo.

Os costumes e as tradições se apresentam em diversas temporalidades entre os agricultores. No tempo do trabalho no roçado, nos adjutórios, nas casas de farinhas, nas festas de Reis, nos festejos do São João, nos aniversários, nos casamentos, nos babas no final da tarde. Durante esses diversos momentos esses agricultores acabam externalizando práticas culturais que trazem em si elementos identitários de pertença àquele lugar.

A apresentação das tradições e valores às novas gerações se dá a todo o momento. As rezas, os sambas, as cantorias, e as crenças são reafirmadas no cotidiano e ensinadas na prática e não em teoria, ainda que muitos jovens tenham resistência em aceitar algumas tradições. Em São José os jovens aprendem fazendo. Não há um livro orientando como os lavradores devem fazer uma festa de reis. Eles simplesmente fazem a festa e os mais jovens internalizam os procedimentos.

A cultura em São José do Itaporã, bem como no Recôncavo sul é matizada por expressiva tradição oral, uma vez que o analfabetismo é grande entre os mais idosos, o que impede a leitura de livros e revistas, bem como a escrita de versos, músicas e contos. Entre os lavradores o falar e o ouvir, a memória e a narração são os meios pelos quais acontece a exposição dos conhecimentos para os mais jovens. É pelo falar e o ouvir que se dão as trocas de saberes e informações.

Todavia, a observação participante fez perceber que a presença de textos escritos entre os lavradores se resume basicamente aos folhetinhos e livros de orações distribuídos pela Igreja Católica, livretos de literatura de cordel trazidos das romarias à Lapa e os livros didáticos escolares dos mais jovens estudantes.

Há um distanciamento tanto dos idosos quanto dos jovens do pouco material de leitura que circula entre os lavradores. O tempo que eles têm para descanso é dedicado às conversas e para assistir os programas e novelas na televisão, sobretudo a partir da instalação de energia elétrica em meados dos anos de 1990.

As transformações que têm sofrido o campo no Recôncavo, sobretudo, a partir dos da segunda metade do século XX tem ressignificando práticas e comportamentos. A construção de estradas, o uso de veículos motorizados, o acesso à água encanada, energia e, por conseguinte, televisão, internet, geladeira, ferro elétrico vêm modificando o cotidiano dos trabalhadores rurais.

Por conseguinte, apesar das transformações que vem sofrendo o campo, ainda se pode notar aspectos dos costumes e valores que se apresentam no cotidiano dos lavradores. Se as mudanças podem ser visualizadas, as permanências de igual modo também são notadas.

O trabalho do lavrador na Vila de São José do Itaporã é algo que desde criança eles aprendem que é muito importante. A vida de trabalho é tão significativa para eles que o *lôcus do trabalho* não está restrito apenas ao roçado. Nos “varandados” das casas e/ou nas salas os agricultores se reúnem para trabalhar, de modo que os mais idosos se unem às novas gerações para “bonecar o fumo” e/ou raspar a mandioca aproveitando também esse “tempo de trabalho” para narrarem suas experiências de vida, para cantarem canções antigas que já não fazem parte do cancionário da nova geração, pois preferem as músicas tocadas em CD e DVD, ou MP3 nos seus celulares.

Apesar dos mais jovens não se interessarem tanto pelas canções antigas, ou melhor, como dizem pelas “cantigas dos mais velhos, sabe-se que o “pano de fundo” de suas pertencas àquele espaço se encontra nas tradições e nos costumes dos mais idosos. É no falar, no gesticular, no andar, no modo como se alimentam e se relacionam que as novas gerações encontram as suas primeiras referências culturais.<sup>192</sup>

A cultura dos trabalhadores rurais de São José do Itaporã se apresenta imbricada de um “residual e um emergente”, seja em aspectos abstratos da linguagem, e/ou na própria cultura material.<sup>193</sup> É comum ao se entrar na casa de um lavrador perceber em sua sala um altar dedicado aos santos de devoção da família. Esse altar que se encontra sempre bem

---

<sup>192</sup>HOGGART, R. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos**. Lisboa: Editorial Presença, 1973. Para o autor a vida dos trabalhadores é, por conseguinte, marcada pelo interesse pelos pormenores mais insignificantes da condição humana, onde se apreciam as minúcias da vida habitual.

<sup>193</sup>WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro; Zahar, 1971.

arrumado e enfeitado com flores e velas é o espaço da casa onde tanto jovens como adultos e idosos fazem suas orações, e estão sempre realizando celebrações.



**Figura 47 – Fotografia adquirida na pesquisa de campo – Altar de orações dedicado a Santo Antonio na casa de Dona Francisquinha Filha - em abril/2000.**

No entanto percebemos que as flores dos jarros não são mais aquelas que eram colhidas entre os roçados. As relações intensificadas com o espaço urbano, sobretudo, a partir de 1970 com a construção de estradas, levaram os trabalhadores a adquirirem muitas mercadorias industrializadas como, por exemplo, as flores de plástico para enfeitar os oratórios compradas em lojas do distrito ou das cidades próximas. Essas flores são oriundas de espaços distantes como São Paulo e até mesmo a China o que demonstra o impacto da globalização nessas localidades distantes dos grandes centros comerciais e econômicos.

Esses altares também trazem evidências do sincretismo religioso que permeia a vida desses agricultores, uma vez que é junto a esses altares que os trabalhadores rezavam (e ainda rezam) — para São Cosme, São Roque e Santo Antônio — e logo em seguida faziam “o samba” trazendo a comemoração profana para o mesmo espaço da comemoração religiosa. É importante acentuar que “a reza” se dá em uma forma reelaborada a do rito do catolicismo romano, pois normalmente o padre não está presente, de modo que todo ritual é feito por uma rezadeira. É ela quem puxa as rezas e determina o início e o fim dos cânticos.

Outro espaço interessante na casa de um trabalhador rural em São José é a sua cozinha. É um espaço que traz evidências de um passado não muito distante que se “relaciona” com elementos da cultura moderna no presente. O fogão à lenha, feito de barro e tijolos está ali “inerte” resistindo à modernidade. Ao seu lado o fogão a gás faz “companhia”. A “vassoura” de palha também está sempre no canto da porta, enquanto a “vassoura” industrializada está ao seu lado. Ou seja, o passado e o presente aparecem interligados, um complementando o outro numa relação em que o passado dá sentido ao presente e este, mesmo atual, continua dando sentido ao passado.<sup>194</sup>

Em relação às festas desses trabalhadores rurais pode-se dizer que elas estão fortemente matizadas pela relação com o trabalho cotidiano. Os festejos dos agricultores do São José estão pautados em um emaranhado de tradições reelaboradas sobre os cultos do Catolicismo Romano e, também, apresentam resíduos das tradições religiosas africanas e indígenas. Se por um lado o lavrador realiza sua reza para Santo Antonio e São Cosme e Damião seguindo os rituais Católicos nos quais rezava-se cantando ladainhas, por outro, o Samba de cocó e o samba de roda oriundo dos folguedos afro-descendentes é, após a reza, cantado e dançado a exaustão.

O convívio com os agricultores fez perceber que eles elaboram no seu cotidiano um conjunto de festejos imediatos na busca de construir tempos de alegria em relação ao trabalho árduo no roçado. Essa tentativa de amenizar a vida de trabalho com festejos não é uma atitude específica dos agricultores de São José, pois essa ação se aproxima da análise que Richard Hoggart fez dos trabalhadores ingleses, pois segundo ele a classe trabalhadora está mais voltada para os festejos e para satisfação imediata de suas necessidades do que buscar acumular riquezas como fazem os burgueses.<sup>195</sup> D. Angélica nos fala como eram os festejos:

Antigamente nós festejávamos Santo Antônio, São Cosme, São João, Senhora Santana, era o nome de minha mãe. Todo ano nós festejava, nós fazia festa. Vinte e sete de setembro era festa de São Cosme, no dia treze de junho é Santo Antonio, depois vem São João. Era assim nós festejava.<sup>196</sup>

Eram diversas festas, todas em comemoração aos Santos Católicos. Cada festa tinha um ritual específico. Após as ladainhas, ao “pé do altar” que ficava – e fica - normalmente nas

<sup>194</sup>HOBSBAWN, E. J. **Sobre História**. Companhia da Letras.

<sup>195</sup>HOGGART, R. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

<sup>5</sup>Narrativajá citado de D. Angélica Vituriana da Silva.

<sup>6</sup>Idem.

salas das casas dos trabalhadores, servia-se um tipo de comida específica para cada “santo”, como pontua D. Angélica:

[...] as festa era assim, rezava a novena, né? Na casa, depois, fazia o samba, servia licor, tinha bolo, cantiga, roda, cantava muita roda, eu e minhas amigas e minhas irmãs, agente cantava muita roda... (Uma certa saudade transparece no rosto). Festa de São Cosme, já sabia que era festa, ô, o samba! É... o caruru, essas coisas.<sup>197</sup>

Para cada “santo” existia uma comida específica. Santo Antônio servia-se bolo, “tira-gosto” de galinha e cachaça. Nas rezas de São Roque dava-se pipoca e mungunzá acompanhado de licor e “tira-gosto de carne e frango”. Já na reza de São Cosme e São Damião servia-se o caruru, cerveja e licor.

O relato de D. Angélica nos mostra como se processava o ritual das rezas. Inicialmente rezava-se a novena, depois se “fazia o samba”. No momento da entrevista D. Angélica deixa transparecer um sentimento de saudade do “tempo das rezas”. Observava-se que ela enfatiza a “festa de São Cosme e São Damião”, pois era nessa reza que havia “muito samba e muito caruru” — sambava-se a noite inteira ao som dos pandeiros e safonas. Catava-se até a madrugada como externar D. Angélica: “São Cosme mandou fazer, duas camisinhas azul, no dia da festa dele São Cosme quer caruru, vadeia Cosme, vadeia...”<sup>198</sup>

“Era samba a noite inteira”, os compadres de batismo, de fogueira, as parteiras todas as “personagens” que compunham o conjunto de lavradores em São José do Itaporã se reuniam para rezar e se divertir. Nestas festas dificilmente acontecia brigas, as pessoas bebiam e, às vezes, faziam festas que perduravam muitos dias, como narra o Sr. Osvaldo;

Fazia festa de três à quatro dias. Só tinha bebo. Naquele tempo, saia tudo bebo, ninguém brigava, se você fazer uma festa hoje em sua casa tá arriscado amanhã fazer um enterro, não dá, né? O negócio mudou muito hoje.<sup>199</sup>

A memória do Sr. Osvaldo deixa transparecer os resíduos de um passado que é confrontado com o presente. Ele fala de um tempo em que os festejos se estendiam por muitos dias e “ninguém brigava”. Não existia violência nas festas, os homens bebiam a ponto de ficarem “arriados no varandado”. Estes festejos eram momentos que levavam as pessoas a desejarem a permanecer no mundo rural do Recôncavo Sul. Sobre as mudanças que

<sup>197</sup> Narrativa já citado de D. Angélica Vituriana da Silva

<sup>198</sup> idem

<sup>199</sup> Narrativa do Sr. Osvaldo da Silva

ocorreram o Sr Osvaldo diz que; “se você fazer uma festa hoje em casa está arriscado amanhã fazer um enterro”. Ele deixa transparecer que a violência vem aumentando na zona rural.

Dentre muitos espaços de vivências que dinamiza elementos das tradições e costumes dos trabalhadores rurais de São José do Itaporã foram as *Vendas* ou quitandas foram muito importantes, pois eram os locais onde se reuniam os compadres e amigos após um dia inteiro de trabalho na roça. Em São José muitos desses espaços ainda persistem ao tempo, como a *Venda* do Sr. Mauro. Ele relembra que na sua *Venda* os homens falavam de perspectivas futuras de negócios e sobre o que iriam plantar. Eles também “ajustavam um adjutório” convidando os amigos para uma raspagem de mandioca ou corte do fumo. Era nas *Vendas* que se dava o convite para as rezas, como lembra D. Francisquinha;

Noca (o marido) convidava na *Venda* os amigos, os compadres, era. Os irmãos vinham tudo montado de cavalo, rezava São Cosme. Depois era samba, muito caruru. Quando era madrugada os homens iam embora de cavalo, as mulheres ficavam, só ia embora pela tardinha.<sup>200</sup>

As rezas de São Cosme representam momento marcante para os trabalhadores rurais de São José do Itaporã, pois ao iniciarem a ladainha em louvor aos “gêmeos santos”, as mulheres sentavam-se em volta do altar enquanto meninas adolescentes e crianças acompanhavam as mães. Naquele momento as novas gerações assimilavam o ritual da reza, não ficando ninguém nos terreiros das casas. Todos se aglomeravam em volta das imagens. Ao ser cantada a ladainha do *Senhor Deus* por um dos homens, normalmente o “chefe” da família, todos colocavam a mão direita no peito — aquele instante representava um momento especial, pois, era possível se notar como o sentimento de pertencimento àquela cultura o que envolvia crianças e idosos. Os olhos brilhavam, lágrimas eram derramadas e poucos instantes depois todos estavam sorrindo. Sobre a importância da ladainha do *Senhor Deus* Isabel Ribeiro fala;

*Senhor Deus* é de herança, era meu avô que tirava. Meu pai passou a tirar quando meu avô morreu. Na reza ninguém conversava, hoje não! Os homem rico lá fora só conservando, só pára quando reza o Sr. Deus, é! As coisa tá mudando.<sup>201</sup>

“O *Senhor Deus* é de herança é de herança” afirma Isabel. Aqui observa-se que a entre os trabalhadores a herança imaterial era passada a todo momento, seja no trabalho, nos festejos e celebrações. Até no momento do samba muita coisa era transmitida para as novas gerações. A ginga do corpo na dança, a composição dos versos, o jeito de tocar o pendeiro e

<sup>200</sup> Narrativa já citada de D. Francisquinha

<sup>201</sup> Narrativa já citada de Isabel Ribeiro

os tambores. Para Isabel Ribeiro há muito tempo - após a morte dos mais velhos -, muito da tradição das rezas de São Cosme vem se perdendo, pois os mais jovens não se interessam em aprender o ritual, principalmente os homens — exceto no momento do *Senhor Deus*, em que demonstram existir, ainda, um pouco respeito. As rezas entre os lavradores de São José do Itaporã, assim como em muitos espaços rurais do Recôncavo, trazem uma relação explícita entre o sagrado e o profano, pois o mesmo espaço que é dedicado ao sagrado em um ritual peculiar reelaborado do catolicismo romano é, ao mesmo tempo, profanado ao fim da reza com o samba e com as cantorias nas rodas.<sup>202</sup>

Em um passado não muito distante, em que quase todos os finais de semana havia uma reza ou mais de uma que “congregavam” centenas de trabalhadores rurais para celebrarem e se divertirem, os agricultores do São José reafirmavam valores, tradições e costumes. Porém, com o tempo, as rezas foram sendo abolidas por algumas famílias. Segundo D. Angélica: “Não é por que o povo não tem dinheiro não, é porque o povo perdeu a fé”.<sup>203</sup> Parece predominar em uma parcela dos trabalhadores certo ceticismo frente à religião, Segundo D. Angélica “muito trabalhador tornou-se crente (evangélico)”<sup>204</sup> - o que é evidenciado com os diversos templos de Igrejas Evangélicas em São José do Itaporã.<sup>205</sup> O que tudo indica é que alguns lavradores se identificaram com os valores e costumes protestantes. Não obstante, a maioria se diz Católico, enquanto outros são praticantes de religião de matriz africana apesar de poucos assumirem. A evidência de muitos adeptos do Candomblé entre os lavradores é a existência de aproximadamente dez Terreiros espalhados pelos diversos povoados próximos ao aglomerado urbano do distrito.

Em relação ainda sobre os festejos ligados ao calendário Católico observadas pelos lavradores uma das mais animadas era a festa de Reis. Os trabalhadores se reuniam com parentes e amigos, compravam bebidas e carnes e se dirigiam à casa de um amigo sem que este soubesse, “levando o Reis”. Eram noites de alegria, dança e brincadeiras. Nesses festejos se davam sempre após o Natal. D. Angélica lembra como os trabalhadores acordavam o dono da casa onde seria o festejo do Reis: “Reis, o povo chegava na casa, dez, onze horas da noite, que as vez as pessoas já tava dormindo, aí chegava na porta cantava assim;

- Ô de casa! - Ô de fora!  
- Ô de casa! - Ô de fora!

<sup>202</sup>Eliade, Mircea. **O Sagrado e o Profano – A essência das religiões**. SP: Martins Fontes, 1952.

<sup>203</sup>Narrativa já citada de D. Angélica Vituriana da Silva.

<sup>204</sup>idem

<sup>205</sup>Vale Ressaltar que no distrito existem diversos Templos Evangélicos como; Assembléia de Deus, Cristã do Brasil, Testemunha de Jeová, Adventista, Deus é amor entre outros.

Maria vai vê quem é!  
Maria vai vê quem é !

Ai tinha outros que cantavam assim:

Ô levanta vem vê Maria!  
Ô levanta vem vê Maria!  
Na pancada de Reis na terra.  
Na pancada de Reis na terra.

Esse reis é do tempo de meu pai, de meus tio, daquele povo mais velho. Batia pandeiro, batia na porta. Aí quando eles levantavam que abria a porta, ai todo mundo entrava na casa e amanhecia o dia sambando e cantando. Era assim, hoje não existe mais.<sup>206</sup>

As pessoas cantavam, dançavam, se divertiam nas festas de Reis. Esta festa parece ter grande importância para os trabalhadores do São José. Percebe-se isto na narrativa de D. Angélica que ao lembrar os festejos seus olhos brilhavam como se estivesse “revivendo” as comemorações. Porém, o seu rosto se entristeceu à medida em que afirmava “hoje não existe mais”. Sobre as mudanças que ocorreram nas comemorações do Reis em São José a narrativa do Sr. Osvaldo é esclarecedora:

Hoje em dia num é samba, é dança! Agora antigamente era de sanfona que era tão bonitinha, né? Quem tocava era Isaac sanfoneiro do São José; tinha um que chamava Manezinho, Manezinho de Domitilia, tocador bravo! Muito bom, todo mundo gostava, ô não era o quê! Hoje o negocio é som ( Rádio), é sim!<sup>207</sup>

Pode-se notar que muitas vezes os festejos de Reis eram acompanhados de um “forrozinho” produzido pelos tocadores de Acordeon<sup>208</sup> “de ouvido” que animavam a dança que perdurava por toda a noite. A partir da década de 1970, muitos pequenos trabalhadores começam a adquirir rádios, o que fez o pandeiro e o acordeom perderem valor entre os trabalhadores, principalmente entre os mais jovens que passaram a preferir dançar ao som do rádio e toca-discos. Já entre no final em meados dos anos de 1990 predomina os aparelhos tocam CD.

Dentre os inúmeros festejos e tradições dos trabalhadores rurais de São José do Itaporã, a Subida da Serra é uma das mais peculiares. Quase todos os lavradores participam dessa tradição. Sr. Mauro afirma que:

---

<sup>206</sup> Idem. Ibidem

<sup>207</sup> Narrativa já citado do Sr. Osvaldo da Silva.

<sup>208</sup> Normalmente eram músicos que tocavam de ouvido; estes músicos, em sua maioria , aprendiam a tocar com o pai, o avô, ou até mesmo com um tio.

(...) a procissão para serra começou com meu avô, que levou uma cruz pá serra. D. Francina é que fazia a procissão que ia muita gente. Era dia 1º de novembro e 8 de dezembro. Vinha gente de tudo quanto era lugar. Era aquele mundão de gente, levava todos os santos (a imagem de Jesus).<sup>209</sup>

O depoimento do Sr. Mauro traz a evidência de uma provável “gênese” da procissão para serra — “começou com meu avô, que levou uma cruz para Serra”. Porém, D. Francisquinha afirma que;

Quem levou o cruzeiro foi Siríaco, que era mais velho que Sinhozinho — avô de Mauro — depois fez uma casinha miudinha para o santo cruzeiro. Lá em cima tem o pé de Nosso Senhor e da Nossa Senhora. Para baixo tem o pé redondo do trancai ruim. Aquela Serra o mar passa embaixo, é cheia de ouro, às vezes eu tava daqui alumiava tudo lá em cima, era um estrela que passava, a mãe do ouro. O padre rezou aí acabou, hoje o homem que agente (Alemães) vende fumo lá em Cruz das Almas fez uma igrejinha lá em cima, São José, Nossa Senhora, Bom Jesus tá tudo lá.<sup>210</sup>

A memória de D. Francisquinha traz evidências que vão de encontro ao o relato do Sr. Mauro que é compadre dela. Ela sustenta que foi um tal Siríaco quem levou o cruzeiro para a Serra do Aporá dando início a tradição. Existe todo um imaginário em relação à Serra e tal imaginário se fundamenta nos postulados do Catolicismo Romano. Para a maioria dos lavradores Deus e o Diabo estão na Serra, pois como afirma dona Francisquinha; “para baixo tem o pé redondo do trancai ruim, lá em cima tem o pé de nosso Senhor e de nossa Senhora.”<sup>211</sup>

Alguns trabalhadores afirmam contundentemente que viram extraterrestres na Serra. Tal afirmação passa de alguma forma no inconsciente coletivo destes lavradores, e isto pode-se observar na narrativa de D. Francisquinha quando nos fala que “às vezes eu tava daqui alumiava tudo lá em cima, era uma estrela que passava, a mãe do ouro.”<sup>212</sup>

As fotografias feitas durante a pesquisa mostram a Serra em toda sua extensão, como algo que está a “velar” pelos agricultores na vila do São José:

<sup>209</sup> HOBBSAWN, E. J. e RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. RJ: Paz e Terra, 1997.

<sup>210</sup> Narrativa já citado de D. Francisquinha Filhas Virgílio.

<sup>211</sup> idem

<sup>212</sup> Idem.Ibidem



Figura 48 – Fotografia feita na pesquisa de campo - Serra do Aporá. Em abril/2002.

Para Paulo Alves e Roberto C. Massei "Através da evidência de uma fotografia é que se percebe como se constitui culturalmente um grupo social, ou seja, através deste documento não verbal é possível a interpretação de uma determinada cultura."<sup>213</sup> Nesse sentido, observa-se na fotografia aspectos da cultura dos lavradores do São José do Itaporã. No primeiro plano a roça de mandioca apresenta-se verdejante resultado do trabalho dos homens e mulheres dessa localidade. No terceiro plano a Serra de São José aparece "calada e silenciosa", congelada na fotografia, mas com seu esplendor e gigantismo no real concreto instigando o imaginário de centenas de trabalhadores rurais ao longo dos séculos.

A Subida da Serra é motivo de alegria para muitos moradores de São José. Os idosos já não têm forças para enfrentar a escalada, mas suas memórias trazem reminiscências das procissões, como fala D. Angélica;

A subida na serra tem muito anos, muitos anos, isso tem séculos, é do princípio, aquela Serra é do princípio. A subida é como até hoje; tinha procissão, meu pai mesmo fazia procissão de todos os santos, Nós íamos, juntava muita gente, festejava o dia todo lá em cima. De tarde ia todo mundo embora, meu tio levava procissão de Nossa Senhora da Conceição, é oito de dezembro, eu tava assim do tipo desses meninos ai, com dez, doze anos, eu não perdia um ano, ia tudo, ó! Eu perdia hem?!<sup>214</sup>

A narrativa de D. Angélica destaca a euforia entre os lavradores no dia em que subiam a Serra. As pessoas festejavam e rezavam para os seus Santos de devoção, organizavam

<sup>213</sup> ALVES, P e MASSEI, R C. **Artigo de uma pesquisa introdutória realizada pela FAPESP**. SP 1998.

<sup>214</sup> Narrativa já citado de D. Angélica Vituriana da Silva.

procissões que, como acentua D. Angélica; "juntava muita gente". Era um dia de alegria para os trabalhadores rurais, pois além de brincarem, rezarem e festejarem, o dia da subida da Serra representava, também, um dia de folga e liberdade do trabalho duro no roçado.

As evidências apresentadas na narrativa de D. Angélica apontam para uma temporalidade longínqua que remontam aos festejos da Subida à Serra. É um tempo que ultrapassa os "recortes" do real feito pela memória, pois ao externar suas lembranças afirmando que "a subida da serra tem muitos anos (...) é do princípio", o que deixa transparecer é o fato de não se saber verdadeiramente quando se iniciou a tradição.

As tradições na Vila de São José estão fortemente marcadas pela "crença" desses trabalhadores nos Santos da Igreja Católica. Os festejos de São João, por exemplo, marcam a vida desses trabalhadores, uma vez que são comemorações ocorridas após a colheita do fumo, do amendoim e do milho, ou seja, é um período em que se celebra o sucesso das lavouras, como observa o Sr. Osvaldo:

[...] São João daqui eu dançava, todo mundo fazia festa, a gente nem dormia, A festa rolava dois, três dias, todo mundo numa boa. Agora depois que teve o Arraiá de Cruz das Almas (sentimento de saudade) acabou o São João na roça, você pode vê, deu oito horas da noite, você não vê uma pessoa aqui, não vê não, tudo vai pra Arraiá em Cruz, é! Acabou por causa do Arraiá! E era mais bonito antigamente, é na roça, dançava em toda casa, saía monte de gente, tinha forró em todas as casa, foguete, fogos, muitos fogos, e hoje quase não tem nada.<sup>215</sup>

Os festejos de São João era motivo de muita alegria para os lavradores. As pessoas saíam pelas casas tomando licor e dançando forró. Muitas vezes na residência de um fazendeiro contratava-se um sanfoneiro "que tocava a noite inteira". As pessoas bebiam o licor de cravo, limão, jenipapo e maracujá, comiam bolo, cuscuz e tira-gosto de carne. Segundo Sr. Osvaldo "todo mundo fazia festa, e a gente nem dormia".

Não obstante, com o advento do Arraiá em Cruz das Almas em meados de 1980, do século passado, se processa uma forte mudança nos festejos à São João na Vila do São José de Itaporã, na medida em que, os mais jovens passaram a se dirigir aos shows de bandas de forró em Cruz das Almas onde a prefeitura vem investindo grandes somas para contratar bandas de renome nacional.

A identificação desses jovens com a musicalidade dessas bandas, talvez, seja resultado do acesso à televisão, rádio e o toca CD, o que facilitou a aprendizagem das canções dos

---

<sup>215</sup> Narrativa á citado do Sr. Osvaldo da Silva

conjuntos musicais de forró, bem como conhecer os cantores e cantoras dessas bandas. O afastamento dos jovens das tradições dos festejos juninos praticados por seus pais e avós, provavelmente, foi resultado basicamente do acesso à energia elétrica, pois o acesso a esse bem promoveu uma mudança tão significativa no “mundo rural” do Recôncavo que fez as fronteiras culturais que demarcavam as especificidades do campo em relação à cidade se diluíram. O campo que passou absorver elementos da cultura urbana cotidianamente pelos meios de comunicação, o que fez os mais jovens ressignificarem seus *tempos de festejar*. Esse fato é tão importante que durante a pesquisa de campo não conseguimos vivenciar um festejo entre os lavradores com um sanfoneiro, zabumbeiro e triangueiro. Todas as festas eram com rádio e toca CD onde dançavam o *forró lambada* tocado pelas bandas que sempre se apresentam no São João de Cruz das Almas - BA.<sup>216</sup>

Por conseguinte, durante os festejos de São João alguns aspectos da tradição dos festejos permaneceram entre os lavradores mais idosos. Um exemplo é o ritual de torna-se *Compadre e Comadre de Fogueira*. Com este ritual eles reafirmavam seus laços de amizade e consideração. D. Angélica relata como se dava o ritual;

[...] botava um pau de lenha aceso no meio do terreiro. Aí pegava na mão, era o casal né? Você pegava na minha mão, aí dizia assim: vamos benzer fogueira que São José mandou. Aí passava a ser meu compadre e a mulher minha comadre, ai pulava a fogueira e era compadre e comadre de muito respeito.<sup>217</sup>

Após pularem a fogueira, o casal tornava-se compadre e comadre. O *compadrio de fogueira* era a possibilidade de selar uma amizade de muitos anos, normalmente entre pessoas que eram solidárias nas casas de farinha, na manocagem do fumo e nos adjutórios. D. Angélica afirma que "era compadre e comadre de consideração e respeito."<sup>218</sup> Era tão importante quanto o batismo de um filho na Igreja Católica. Segundo ela se havia muito respeito após torna-se compadre de fogueira tão quanto o batismo de um filho na Igreja.

Como foi dito, o *compadrio de fogueira* era equivalente ao de batizado na Igreja, pois o respeito entre os trabalhadores era o mesmo. Com essas formas de compadrio os trabalhadores de São José aumentavam a possibilidade de conseguir trabalho, uma vez que os

<sup>216</sup> OLIVEIRA, Selma Felipe de. **A Construção da Tradição**. Cultura, volume 4, nº 01, junho de 1996. p. 129. **Projeto História**; São Paulo; nº 17; novembro de 1998. Para a autora a tradição existe em função do presente. Trata-se, em outras palavras, de uma construção que utiliza símbolos para criar uma imagem do passado. É um conceito dinâmico, na medida em que o seu resgate depende da ação no presente. Por isso, a tradição é sempre re-elaborada, re-inventada.

<sup>217</sup> Narrativa já citado de D. Angélica Vitoriana da Silva.

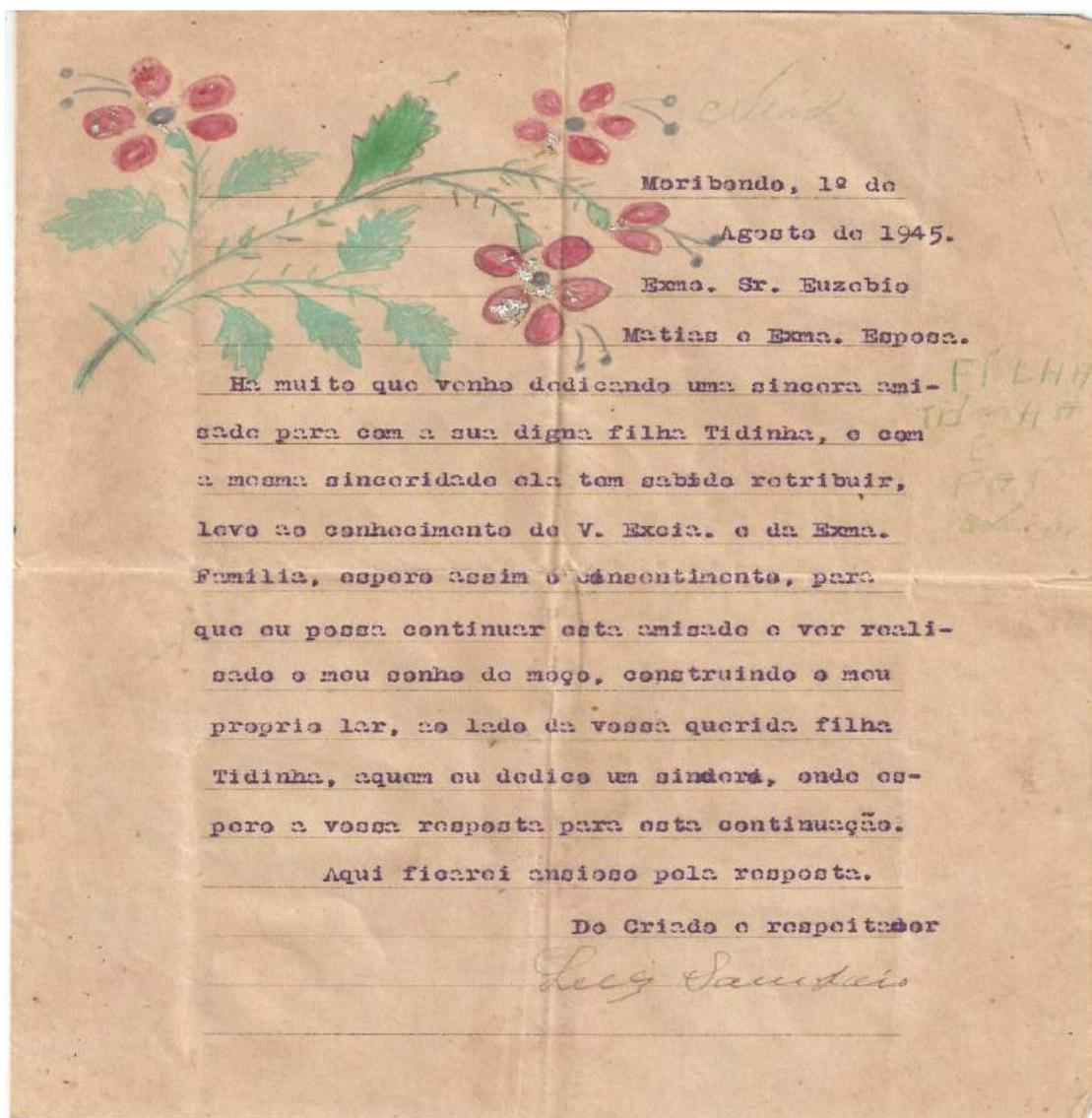
<sup>218</sup> Narrativa já citado de D. Angélica Vitoriana da Silva

compadres indicavam uns aos outros para o trabalho nas terras dos médios proprietários. Não se pode afirmar que "as faces do compadrio" se manifestavam de forma intencional, no sentido do trabalhador tornar-se compadre de fogueira ou de batismo de filhos na Igreja buscando obter exclusivamente privilégios nessa relação. A relação se dá, sobretudo, para consolidar uma amizade; demonstrar que há respeito entre os trabalhadores amigos; aproximar mais as famílias. Assim, o compadrio se encontra na esfera do simbólico, pois está pautado em relações de sentimentos e significados que se consolidam em relacionamentos pautados no afeto e consideração que, muitas vezes, se estendem por gerações entre as famílias que praticavam o ritual.<sup>219</sup>

Outra questão muito interessante ligada às tradições e aos costumes dos trabalhadores rurais refere-se ao namoro e ao casamento. Até a segunda metade do século XX a maioria dos namoros tinha início com olhares na feira do distrito, nas missas, nos festejos e nos adjutórios. Mas o namoro só começava de fato após o rapaz interessado mandar uma carta para o pai da moça. Abaixo segue uma dessas cartas;

---

<sup>219</sup>SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. **Memória e Tradições: Viveres de Trabalhadores Rurais do Município de Dom Macedo Costa-Bahia 1950 – 1960**. Programa de Mestrado Interinstitucional em História Social, PUC/SP. 1999. A autora faz uma discussão sobre as diversas modalidades de compadrio no Município de Dom Macedo Costa.



**Figura 49 – Fotografia da Carta adquirida no artigo publicado por ELOY, Maria Neide Cardoso Sampaio. História de Amor por Correspondência Recôncavo Baiano (1940-1960).**

As cartas eram escritas por um uma pessoa especialista neste tipo de documento. Observa-se que a escrita era feita com maquina de escrever, o que indica que a mesma era produzida na cidade com maquina de datilografia. O conteúdo era de fato uma petição respeitosa para que o pretendente pudesse cortejar a filha de algum lavrador. Na carta acima a petição é feita a pessoa do Sr Euzébio Matias pai da moça chamada de Tíndinha. Sr Euzébio residia na fazenda Pernambuco, em São José de Itaporã, enquanto o pretendente vivia em Moribondo, uma localidade próxima a aglomeração urbana do distrito.

A carta informa que o casal já mantinha uma amizade, na qual a moça retribuía ao pretendente. Essa evidência nos leva a pensar na existência de um sentimento entre os pretendentes que foi construído provavelmente em conversas após as missas ou nas feiras e, quem sabe, após alguns encontros escondidos nas roças e lugarejos. Após estarem certos de

que queriam ficar juntos, eles resolviam oficializar a relação seguindo a tradição de enviar uma carta para o pai moço.

O fato é que após oficializar o pedido restava apenas esperar a resposta do pai da moça. Caso a resposta fosse negativa eles não poderiam mais se encontrar, sobretudo, por que os pais, irmãos e primos ficavam no encalço da moça para evitar o relacionamento. Felizmente, a resposta para Luiz Sampaio foi positiva conforme pode-se verificar na carta abaixo;

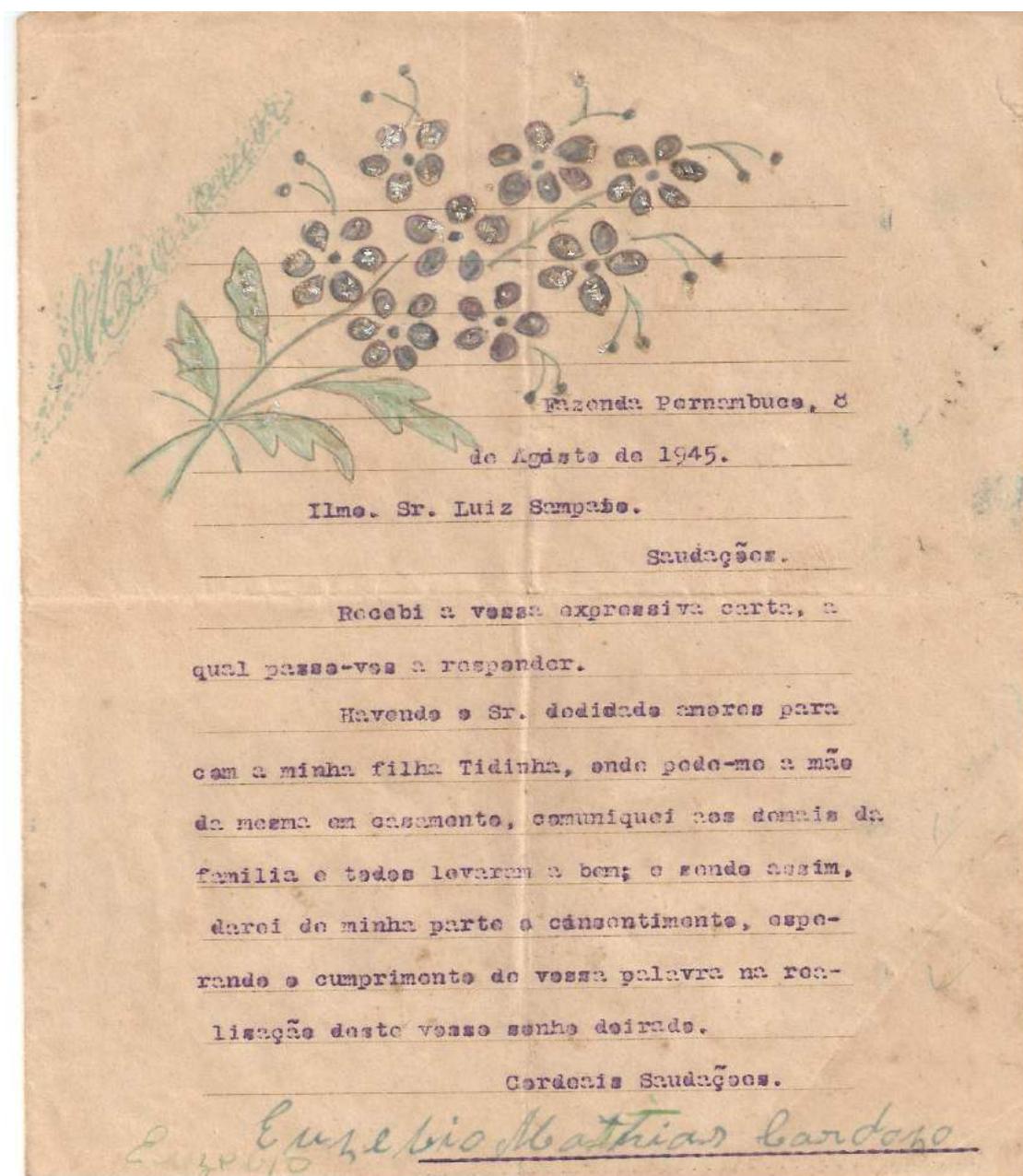


Figura 50 – Fotografia da Carta adquirida no artigo publicado por ELOY, Maria Neide Cardoso Sampaio. História de Amor por Correspondência Recôncavo Baiano (1940-1960).

Após a resposta, o rapaz poderia freqüentar a casa da namorada. No caso de Luiz Sampaio ele foi aceito pela família de Tidinha, pois o mesmo enviou sua carta no dia primeiro de agosto e recebeu a resposta em apenas uma semana. Na carta o pai da moça assevera que o mesmo deveria “cumprir a sua palavra” buscando realizar o casamento que se propusera.

Vale ressaltar que muito dos aspectos do namoro e do casamento entre os lavradores de São José vem se perdendo, como afirma Sr. Osvaldo; “ninguém casa mais, o negócio é rastar e levar e morar junto, não é mesmo?”.<sup>220</sup> Muitas transformações em relação ao casamento e ao namoro vem se tornando explicita entre os trabalhadores rurais de São José, pois os jovens já não se casam mais como "antigamente, não tem , mais respeito" não há mais o "ajuste de casamento". Os mais jovens vão morar juntos e separam-se quando a convivência torna-se insuportável.

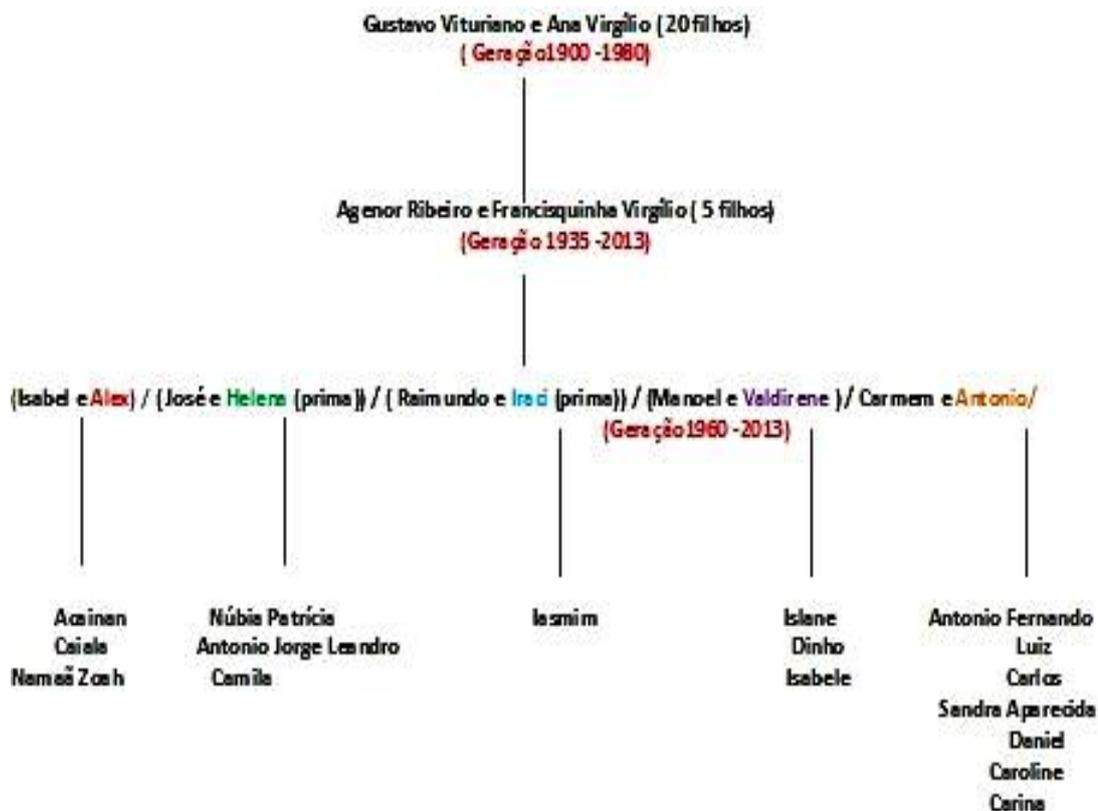
O casamento realizava-se primeiramente no religioso e só depois de algum tempo os trabalhadores casavam-se no civil, pois se o casamento não desse certo "separava e ninguém perdia". Há princípio ninguém perdia terras para o cônjuge em caso de divórcio, tendo em vista o casamento era apenas no Civil. Não obstante, o casamento em São José sempre foi uma forma de construir mais uma unidade de produção familiar ainda que, por muitas vezes, a quantidade de terras pudesse diminuir ou aumentar. Essa variação dependia da quantidade de terras adquirida nas heranças e doações dos pais. Por conseguinte, alguns lavradores trabalhavam antes do casamento para comprar mais terra, pois sabiam que apenas o que herdavam dos pais não era suficiente para produzir e dela viver.

Outro elemento interessante no casamento é a entrada em algumas famílias de lavradores de pessoas de outras profissões, ou que possuem mais de uma. A árvore genealógica abaixo demonstra esse aspecto;

---

<sup>220</sup> Depoimento já citado pelo Sr. Osvaldo

<sup>121</sup> THOMPSON, E. P. Op. Cit.



LEGENDA: Profissões das pessoas que entraram na Família de Agenor e Francisquinha.

- Professor
- Professor e Comerciante
- Professor e Agricultor
- Agricultor
- Agricultor e comerciante

Fonte: Árvore Genealógica elaborada durante a pesquisa.

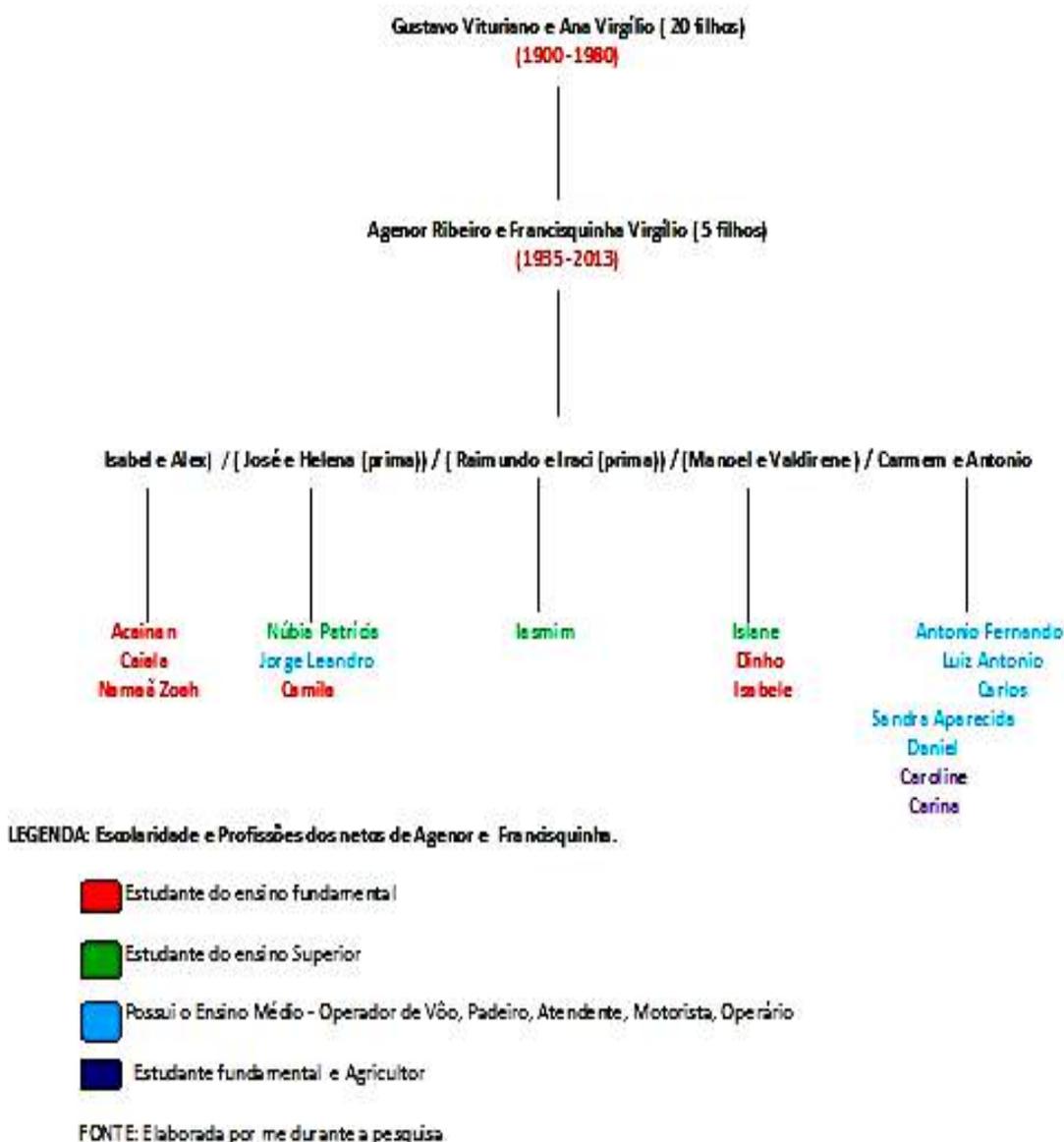
Figura- 51: Árvore genealógica da Família Ribeiro até a 4ª geração

A partir da terceira geração entre as décadas de 1960 até 2013 a família de Agenor Ribeiro e Francisquinha Virgílio recebeu pessoas que exerciam outras profissões. Professores e comerciantes passaram a fazer parte da família a partir do casamento de seus filhos. A partir de uma maior inserção no espaço urbano e de algumas famílias de lavradores terem investido nos estudos dos filhos permitiu que alguns se tornassem professores de ensino fundamental e médio. Outros passaram a fazer comércio além de continuar sendo agricultor. Não obstante, alguns que são professores continuam trabalhando nas horas de folga nos roçados.

Pode-se notar também o casamento entre primos de primeiros na genealogia da Família Ribeiro. Uma prática que se dava constantemente, mas que nos últimos anos tem diminuído entre os lavradores de São José. Os lavradores relatam que não querem mais casar-

se com primos devido o risco dos filhos nascerem doentes, por isso escolhem parceiros de outras famílias.

O que tudo indica é que a partir dos anos de 1970 e 1980 muitas famílias de lavradores incorporam pessoas em suas famílias a partir do casamento de seus filhos com um maior nível de educação o que favoreceu o avanço nos estudos dos seus netos. A família Ribeiro experimentou um avanço educacional expressivo na quarta geração conforme consta na Genealogia abaixo;



**Figura - 52:** Árvore genealógica da Família Ribeiro até a 4ª geração - 2

O elemento exógeno representado na árvore genealógica dos Ribeiros pelas pessoas que entraram na família contribuiu para o desenvolvimento educacional dos netos dos

lavradores. A família Ribeiro na quarta geração possui três universitários e os netos que terminaram o Ensino Médio não são mais lavradores, mas exercem outras profissões nas cidades próximas, em Salvador e São Paulo. Muitos ainda fazem cursos para prestar o ENEM a fim de cursarem uma faculdade. É evidente que a construção de uma escola de Ensino Médio no distrito no final do século XX, bem como a implantação da Universidade Federal do Recôncavo – UFRB, e da Faculdade Maria Milza – FAMAM têm colaborado para que filhos e netos de lavradores de Itaporã e do Recôncavo tenham acesso ao ensino Superior.

Desta forma, verifica-se que há todo conjunto de permanências e transformação no cotidiano das práticas, costumes e dos trabalhadores rurais de São José do Itaporã. Não se faz mais samba nas salas, dança-se ao som do rádio, as procissões à Serra não são mais constantes, o compadrio de fogueira quase já não existe, e o casamento se ressignifica na medida em que cada dia que passa parece que o comportamento dos trabalhadores rurais do Recôncavo vai tornado-se similar em práticas, costumes e valores dos sujeitos sociais que vivem nas cidades.

### **1.1 - Os Trabalhadores Rurais e os laços de solidariedade.**

A vida cotidiana de homens e mulheres que habitam o espaço rural no Recôncavo Sul é marcada pelo trabalho na lavoura de fumo, nas casas de farinha e, sobretudo, no plantio de roçados de culturas de subsistência. Viver na zona rural da Vila de São José do Itaporã é lutar cotidianamente pela sobrevivência buscando superar as adversidades que permeiam não só a buscar em satisfazer as necessidades de sobrevivência, mas também a relação entre os homens e mulheres daquela localidade.

Na dinâmica das relações no campo tanto fazendeiros como alguns agricultores mais familiarizados com o comércio na cidade sempre visaram de alguma maneira, tirar proveito em seus negócios com os pequenos agricultores. Tentando comprar suas terras ou comprando sua produção de fumo e farinha por preços bem abaixo do valor de venda nas feiras das cidades, esses homens de um modo silencioso construíam na relação estratégias de dominar famílias inteiras. Não obstante, isso não implica em dizer que o pequeno agricultor não tirasse também proveito na relação, na medida em que ele também fazia uso do privilégio de ter um afilhado de um fazendeiro influente na região.

Muitos pequenos agricultores davam seus filhos para os médios proprietários de terra batizar. Dessa forma, quando os filhos desses agricultores recebiam a herança dos seus pais, acabavam vendendo tudo que tinham aos seus padrinhos, uma vez que já existia uma relação

de "amizade" e respeito entre as partes. Os herdeiros quando ficavam desiludidos com suas pequenas extensões de terra acabavam negociando as mesmas com seus padrinhos esperando destes um apoio solidário para continuarem vivendo no campo, o que na maioria das vezes não vinha a acontecer, como acentua José Carlos: "é, o povo dava os filho a Ginú pá batizar, era, depois ele comprava a terra dos filhos e do compadre, era assim, aí já sabe, num tinha nada, consideração".<sup>221</sup>

A relação entre os médios proprietários de terra e seus compadres e afilhados era marcada, muitas vezes, por interesses. O fazendeiro almejava a terra do pequeno proprietário; já este último, buscava nesta relação que o compadre "rico" lhe criasse possibilidades de sobreviver no campo, oferecendo-lhe trabalho em suas propriedades. Mesmo após a perda de suas terras, os laços de solidariedade entre os trabalhadores rurais do São José do Itaporã era algo marcante e esta mesma solidariedade configurou-se como uma dimensão da resistência de muitos agricultores do Recôncavo Sul que visavam permanecer na zona rural da Vila.

O trabalho na roça sempre foi caracterizado pelo trabalho árduo na lavoura. Para viver da terra era preciso muito trabalho por parte dos trabalhadores, principalmente daqueles que possuíam "pouca terra" e não tinham condições de pagar jornadas de trabalho para outros lavradores. Nesse sentido, os laços de solidariedade entre os pequenos proprietários se manifestavam constantemente e de forma recíproca, pois na busca por fazerem uma colheita rápida, uma manocagem de fumo, ou uma cavação de covas para o plantio do feijão, do amendoim ou do milho, os trabalhadores rurais se reuniam para executarem o "adjutório" em benefício de um único trabalhador, como relata o Sr. Osvaldo:

Naquele tempo, aí que juntava todo mundo. Hoje trabalhava aqui na roça de um, amanhã na roça do outro, amanhã ia para roça de outro. Era adjutório, fazia meio mundo de serviço, em um dia só na semana fazia serviço de todo mundo, juntava dez homens aqui hoje, amanhã no finado Gustavo, amanhã dez homem no finado Glicelo.<sup>222</sup>

O *adjutório* era a reunião de muitos lavradores na intenção de ajudarem outro agricultor a realizar uma tarefa de plantio, de colheita ou de beneficiamento como era o caso de se fazer a farinha de mandioca. Constituíam-se como uma cooperação mútua, e qualquer um poderia acertar um adjutório. Normalmente, este acerto se dava nas vendas, como já dito, porém, algumas vezes o trabalhador não era avisado do "adjutório" que seria realizado ao seu

<sup>221</sup> Narrativa do Sr. José Carlos Pereira de Jesus. Ex. trabalhador do fazendeiro Genuário da Caatinginha.

<sup>222</sup> Narrativa do Sr. José Carlos Pereira de Jesus. Ex. trabalhador do fazendeiro Genuário da Caatinginha.

favor, pois em certas circunstâncias era acordado em plena madrugada pelos amigos compadres e parentes a fim de realizarem surpresa para o amigo.

Como já foi dito, os festejos e o trabalho não estão dissociados entre os agricultores da Vila de São José do Itaporã. O adjutório, até certo ponto, configurava-se também em um tempo de festejo, na medida em que, ao término de um trabalho na lavoura ou nas casas de farinha, comia-se, bebia-se e dançava-se até "altas horas". Sobre isso Narra o Sr. Osvaldo; "Depois do trabalho dava comida, tocavam o pau pandeiro, no samba. Uma vez lá em casa, fecharam um samba que deu dez horas da noite, começo a chuva, depois ficou todo mundo bebo pelos varandados. Aí foram embora." <sup>223</sup>

As mulheres também participaram dos adjutórios. Na maioria das vezes ficavam na casa do trabalhador beneficiado fazendo a comida, como lembra D. Angélica;

Aí a gente tava em casa, ó (risos). Os homens iam trabalhar e as mulheres ficavam fazendo comida. Quando davam cinco horas que tava na hora de encerrar, que a gente já tinha feito as comida, que antigamente tinha muita comida né? Pra todo mundo, aí eles catava:

ô cozinheira, cozinheira,  
Lava o prato e faz o molho, cozinheira,  
aí vinha tudo, em!.<sup>224</sup>

As mulheres sempre estiveram presentes nas manifestações de solidariedade entre os trabalhadores rurais. Fazendo a comida ou monocando fumo, nos adjutórios, elas eram fundamentais. Após um dia de trabalho os homens retornavam cantando, aboiando alegres por terem contribuído com um colega. Os adjutórios aconteciam normalmente nos dias de sábado, pois aos domingos muitos trabalhadores se dirigiam para as feiras.

Outra forma de solidariedade configurava no serviço prestado pelas parteiras. As mulheres, na maioria das vezes, ficavam "três, quatro, cinco dias em cima da cama sofrendo para ter mínino". Sem posto médico e sem automóvel na Vila, a salvação para estas mulheres eram as parteiras. D. Angélica<sup>225</sup> acentua que: "Tinha uma que chamava Domitília, outra era chamada Grigória, e tinha Mariazinha que é madrinha daquele menino ali (aponta para o filho) mesmo, ele nasceu aqui em casa, foi!".

O relato de D. Angélica traz evidências da existência de inúmeras parteiras no distrito, porém, na continuação da sua narrativa ela vai dizer que; "não tem mais parteira, tem uma ou

---

<sup>223</sup> Narrativa já citado do Sr. Osvaldo da Silva.

<sup>224</sup> Narrativa já citado de D. Angélica Vituriana da Silva.

<sup>225</sup> Narrativa já citado de D. Angélica Vituriana da Silva.

outra". Com a abertura das estradas em 1973, as mulheres começaram se dirigir para a maternidade de Cruz das Almas ou para São Félix dando início, assim, ao processo de desaparecimento da figura da parteira em São José.

Essas mulheres não ganhavam nada para realizarem o parto das lavradoras, era uma atitude apenas de socorrer as grávidas. Para o Sr. Osvaldo: "não, a pessoa dava assim... um agrado né? Por que muitas vezes saia de casa seis hora da noite, muitas vezes elas faziam por ato de bondade, eram pessoa muito respeitada, era, era. Hoje em dia leva logo para o médico, não é?"<sup>226</sup>

As evidências na narrativa do Sr. Osvaldo — "hoje em dia leva logo para o médico" — mostram que as parteiras foram abandonadas. Pessoas respeitadas na Vila, elas possuíam muitos afilhados e não ganhavam nada pelo seu trabalho. Era a bondade e, sobretudo, a solidariedade para com o próximo que incentivava suas práticas "de fazer partos" no cotidiano da roça.

Em meio à luta constante no campo, uma saída parecia existir para tudo, pois as dificuldades eram sanadas naturalmente pelos lavradores. No entanto, sabemos que a solidariedade entre os trabalhadores rurais do São José de Itaporã era algo marcante e que possibilitava sanar momentos angustiantes na vida de muitos trabalhadores que se viam em dificuldades. A solidariedade entre os pequenos proprietários configurou-se como uma dimensão da resistência dos agricultores no Recôncavo Sul, uma vez que eles em seu cotidiano labutavam para sobreviverem no campo.

## **1.2 - Territórios das Memórias: “idas e vindas” ao espaço urbano.**

A memória permite a partir da “conservação” das experiências sociais e culturais de vida que foram significativas tanto para o sujeito individual como para coletividade construir arcabouço de elementos culturais que a partir da alteridade possa lhe conferir uma identidade cultural particular. Para Pesavento (1999);

A construção da identidade vale-se de imagens, discursos, mitos, crenças, desejos, medos, ritos, ideologias. Em outras palavras, a identidade pertence ao mundo do imaginário, que é esta capacidade de representar o real, criando um mundo paralelo ao da concretude da existência.<sup>227</sup>

<sup>226</sup> Narrativa já citado do Sr. Osvaldo da Silva.

<sup>227</sup> PASEVENTO, Sandra Jathay. **A cor da alma: ambivalências e ambigüidades da identidade nacional**. IN: Ensaios FEE, Porto Alegre, v20, n.1, p.123-133,1999.

É com esse entendimento que acredita-se que a memória - enquanto o elemento primordial dentro da construção da identidade de um grupo social - pode demarcar ou não uma fronteira para além dos aspectos materiais. Ela permite, a partir de uma delimitação espacial mental, alicerçada em imagens de um espaço, discursos, mitos, crenças, valores e costumes construir uma linha de demarcação que “separa”<sup>228</sup> o lugar da expressão particular de um grupo social em relação à outros. Essa demarcação cultural acaba reafirmando a particularidade cultural a partir da alteridade. Pesavento (2002) afirma que;

É por esse viés de compreensão da fronteira que confrontam as percepções de alteridade e da identidade, ou que se contrapõem as construções imaginárias de referências, definido-se os “outros” em relação a “nós” e vive-versa.<sup>229</sup>

Neste sentido, a memória assume importância crucial na construção da identidade cultural de um determinado grupo social e, por conseguinte, nos permite pensar a ideia de fronteira cultural visualizando aspectos singulares de determinados espaços como; símbolos, costumes, mitos, tradições, crenças e valores.

A ideia de fronteira cultural permite diferenciar grupos sociais de outros a partir do confronto de costumes, valores e crenças, ao tempo que também aponta para a possibilidade da existência do hibridismo cultural que se apresenta em diversas localidades – principalmente em relação ao binômio campo e cidade - na medida em que é evidente os intercâmbios culturais promovidos por deslocamentos, migrações e retorno de sujeitos sociais aos seus espaços de origem trazem consigo elementos culturais totalmente exógenos. Pesavento ainda diz que:

As fronteiras culturais remetem à vivência, às sociabilidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras gestos, ritos, comportamentos e ideias. Basicamente, a fronteira cultural aponta para forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento.<sup>230</sup>

Portanto, como a memória é capaz de reter esses elementos culturais e, ela é quem justifica a ideia de fronteira cultural, na medida em que a cultura de um grupo social presente da memória individual e coletiva é o suporte que particulariza determinada cultura quando em confrontada com elementos culturais de outro grupo. Busca-se, a partir das narrativas dos

<sup>228</sup>Essa separação de um espaço em relação a outro se dá no campo psicológico, na medida em que entende-se que o lugar onde se expressa a cultura (crenças valores e costumes) a partir da alteridade legitima a diferença e particularidade da cultura e do lugar.

<sup>229</sup>PESAVENTO, Sandra Jathay. **Além das Fronteiras**. IN: MARTINS, Maria Helena (org.) **Fronteiras Culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. Editora Ateliê, São Paulo: 2002. p. 37

<sup>230</sup>PESAVENTO, Sandra Jathay. **Além das Fronteiras**. Op. Cit. 37

trabalhadores entender como se articula essa relação de fronteira cultural entre o campo e cidade em um tempo de tensão e luta pela sobrevivência nas décadas de 1970 à 1980.

A experiência do trabalhador rural de São José nunca esteve circunscrita apenas ao campo. Como já foi dito, o contato com as cidades vizinhas, principalmente Santo Estevão, Cruz das Almas, Governador Mangabeira, Sapeaçu, Muritiba e São Felix era constante. Os Agricultores se dirigiam para estas cidades a fim de venderem seus produtos, comprarem mantimentos, remédios, roupas, utensílios domésticos e se consultarem com médicos em clínicas e hospitais.

Na década de 1970 não existia linha<sup>231</sup> de transporte que fizesse a condução dos trabalhadores para as cidades próximas — “naquele tempo era tudo na canela”<sup>232</sup> — e a única forma existente de locomoção para outros municípios se dava por meio de cavalos e/ou burros, como nos relata Sr. Osvaldo;

O nosso pai ia em Muritiba, ia montado de animal, eu me lembro que pai tinha um burro, que o burrinho quando chegava até no casco tava pingando de suor, de lá pra cá, na paleta.<sup>233</sup>

Deslocar-se da Vila de São José do Itaporã para as feiras das cidades vizinhas levando consigo a produção de farinha, amendoim e laranja só era possível indo em lombo de animal. Em cima de um cavalo ou de um burro, vestido em um colete de couro e tendo sobre a cabeça um chapéu de palha o trabalhador rural se dirigia à cidade na ânsia de vender seus produtos a fim de adquirir o mínimo necessário para o sustento da sua família.

Muitas vezes para se chegar a determinado destino a viagem durava mais que um dia, como expressa a narrativa de D. Angélica;

Para Santo Estevão, meu pai e meus irmãos cansava de sair dia de Sexta-feira, nós torrava farinha, eles botava o quê? Era dez, doze animal de carga de farinha para levar para vender em Santo Estevão! ia de pé! Quando chegava era dia de Sábado meia noite.<sup>234</sup>

D. Angélica, além de esclarecer sobre o tempo gasto em algumas viagens, traz a evidência de que seu pai levava sua produção de farinha para Santo Estevão em uma tropa de burros. Segundo ela, “era dez, doze animal de carga de farinha para levar, para vender em Santo Estevão, ia de pé!”. Provavelmente, muitos dos trabalhadores rurais de São José levavam sua produção para cidade a pé e puxando os animais, o que caracterizava, de certa

<sup>231</sup> Espécie de lotação que levava os trabalhadores para a cidade.

<sup>232</sup> Narrativa do Sr. Osvaldo da Silva.

<sup>233</sup> Narrativa do Sr. Osvaldo da Silva.

<sup>234</sup> Narrativa de D. Angélica Vitoriana da Silva.

forma, a prática dos tropeiros que só iriam deixar de existir após a implantação das rodovias por toda a Bahia.<sup>235</sup>

A cidade representava para os trabalhadores rurais o “lugar de dinheiro”.<sup>236</sup> As casas sofisticadas e os pequenos edifícios não causavam tanto espanto aos agricultores, na medida em que a dinâmica do deslocamento dos mesmos para as cidades vizinhas se dava constantemente devido terem que comercializar seu excedente de produção (farinha, legumes, raízes, laranja) nas feiras da região.<sup>237</sup>

A dinâmica das “idas e vindas” dos trabalhadores rurais entre o campo e a cidade está registrada nas memórias dos lavradores como um tempo de trocas tanto matérias como simbólicas. Ir a cidade significava muito mais que vender seus produtos ou consultar-se com um médico, mas permitia que o trabalhador confrontasse a sua cultura com o diferente ao tempo que reafirmava a sua identidade, mesmo que assimilasse aspectos da cultura da cidade.

Entretanto, é preciso ressaltar que normalmente quem se dirigia à cidade — aos sábados ou aos domingos, dependendo do dia das feiras — era o chefe da família, como nos relata D. Francisquinha; “Há meu filho, quem ia para feira era Noca (Agenor, seu Marido), era. Ele ia vender farinha, outros não ia, eu ia às vezes, era, mas era Noca (marido) quem ia. Fazia a feira, trazia a carne”.<sup>238</sup>

As mulheres não tinham o costume de se deslocarem constantemente para as cidades e ficavam em casa cuidando do lar e da roça. Os maridos eram os responsáveis pela feira (vender e comprar). O fato de não se deslocar sempre com o marido para as cidades da região não incomodava muito a mulher, o importante era que o marido “trouxesse a carne”, ou seja, o alimento dos filhos.

Muitas vezes, quando a feira estava movimentada e vendiam toda sua produção eles compravam algum alimento extra, como maçãs para as crianças. Segundo Isabel Ribeiro “quem comprava maçã era tido como quem tinha dinheiro naquela época”.<sup>239</sup> Aqui aparece um elemento importante na construção da fronteira cultural, a maçã sendo um alimento característico do espaço urbano na época, não fazia parte da cultura alimentícia dos

<sup>235</sup> SANTOS, Miguel Cerqueira. **O domínio urbano e suas implicações regionais: o exemplo de Santo Antonio de Jesus-Ba** – Salvador. Ed. UNEB. 2002. p.91.

<sup>236</sup> Narrativa de D. Francisquinha Filha Virgílio.

<sup>237</sup> ROGER, Chartier. **O mundo como representação**. In: estudos Avançados nº11, 1991. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> : Ele vai dizer que a Representação faz vê uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. A representação é o instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente. p.184

<sup>238</sup> Idem.

<sup>239</sup> Narrativa de Isabel Ribeiro

agricultores, mas era desejada pelas crianças, porque é evidente que quando se dirigiam à cidade tinham contato com esse alimento.

Sendo uma fruta cara, e compreendida como algo supérfluo na época, era tido como símbolo de *status* econômico para o trabalhador que consumisse a fruta. A maçã quando deslocada da cidade para o campo deixava de ser apenas uma fruta, e tornava-se um símbolo que posicionava o agricultor frente aos seus pares como alguém que “tinha dinheiro”, ou que simplesmente, naquele momento deixava transparecer para os outros agricultores uma condição econômica melhor.

Quando, porém, a feira era “fraca” e não vendiam o bastante para comprarem todos os mantimentos, eles sempre davam um jeito para que os seus filhos não passassem necessidades. O relato de D. Angélica é esclarecedor sobre este aspecto:

Com qualquer tantinho que eles arrumassem, fazia (a feira) e trazia. O que arrumasse trazia, arrumava uma jabá (carne de sertão) um feijãozinho e trazia. Antigamente era tudo difícil (tristeza) hoje em dia que é a riqueza.<sup>240</sup>

O semblante de D. Angélica ao relatar a experiência da volta de seu marido para casa quase sem alimentos no panacum do animal traduz um passado constituído no labor pela sobrevivência no campo do Recôncavo Sul.<sup>241</sup> As feiras do Recôncavo, além de se organizarem como ambientes de intercâmbios de produtos negociados pelos agricultores tornavam-se, também, espaços que propiciavam aos trabalhadores rurais a possibilidade de auferirem mais algum “dinheiro” criando, assim, uma alternativa para se manterem e se sustentarem no campo.

Entretanto, quando a roça não produzia satisfatoriamente, ou as suas mercadorias não eram vendidas na feira, a vida dos trabalhadores rurais continuava com as mesmas dificuldades, como deixa transparecer no seu relato D. Angélica;

Quando não vendia nada na feira, era batata, aimpim, abóbora, feijão, milho, minha mãe botava milho de molho para agente pisar para fazer o cuscuz, nós batia no pilão, ó! Era assim que agente vivia.<sup>242</sup>

<sup>240</sup> Narrativa de D. Angélica Vituriana da Silva.

<sup>241</sup> Um grande cesto que era colocado nós dois lados do animal, afim de ali colocarem as mercadorias que seriam vendidas na feira. Hoje as maiorias dos Agricultores levam sua produção de carro, motocicleta e caminhonetes.

<sup>242</sup> Idem

Com as dificuldades constantes na roça — quando a colheita de fumo não prosperava e quando o preço da farinha estava defasado — os trabalhadores se voltavam para as culturas de subsistência numa luta diária contra a fome. Apesar de toda dificuldade no campo, quando a feira proporcionava alguma renda para estes trabalhadores, os mesmos sempre compravam algo a mais: uma sandália para um filho, uma flor de plástico para o oratório do “santo” 243, um “pedaço de pano”<sup>244</sup> para a mulher fazer um vestido, enfim, o trabalhador consumia muito da produção material existente e vendida nas lojas da cidade, ao passo que a cidade consumia, também, toda a produção do agricultor.

O intercâmbio entre a cidade e o campo não se dava apenas na esfera material, pois havia, ao mesmo tempo, o intercâmbio cultural — tendo em vista que nas feiras o lavrador se informava sobre o que se passava no Brasil e o citadino, por sua vez, se informava sobre o que acontecia no campo: uma relação de complementação entre o campo e a cidade.

As narrativas dos agricultores apresentam memórias que apontam para uma relação de complemento entre o campo e a cidade. A fronteira cultural entre o campo e cidade no Recôncavo não se apresentava como algo hermético, mas se mantinha aberta a todo instante para receber influências da cidade e influenciar a mesma. D’Almeida ao se referir as mudanças dos costumes e valores no campo afirma; “as tradições são “inventadas” e mostram-se mais como reinvenções graças ao peso das continuidades de elementos e traços anteriormente existentes.”<sup>245</sup> Isto demonstra que apesar da influência da cultura urbana no campo esta ainda se mantém a partir de elementos tradicionais de sua cultura que permanece existindo, porém de um modo reinventado.

A feira de São José de Itaporã surgiu nos primeiros anos da década de 1970, do século passado. Segundo Sr. Osvaldo, se deu da seguinte forma: "foi assim, juntou um e outro, colocaram uma lona no chão e aí começou a vender, o povo começou a vim de Cruz, das outras roças aí pra cima. Aí pronto, a feira do São José tava aí".<sup>246</sup> Sem planejamento, a feira surgiu modificando todo o cotidiano das pessoas que residem no distrito. Realizada aos domingos — já que aos sábados alguns trabalhadores rurais se dirigiam para as feiras das cidades vizinhas — tornou-se novo espaço para os agricultores negociarem seus produtos e realizarem suas “trocias simbólicas”.

---

<sup>243</sup> Santo – referência a imagens de escultura que os agricultores prestam culto em casa.

<sup>244</sup> Alguns metros de tecido

<sup>245</sup> D’Almeida, SANTANA, Charles. **Fartura e Ventura Camponesas: Trabalho, Cotidiano e Migrações - Bahia: 1950 – 1980**. SP: AnaBlume. 1994.p.133

<sup>246</sup> Narrativa de Sr. Osvaldo da Silva.

A fotografia abaixo mostra um fragmento do cotidiano da feira aos domingos em São José. Os trabalhadores se aglomeravam em meio ao lamaçal vendendo laranja, amendoim e outros produtos. Observa-se no segundo plano da fotografia a exposição de baldes de plásticos e de bacias de alumínio. Isto mostra que muitos vendedores da região se dirigiam para feira. A fotografia traz evidências de que no passado a feira era próspera, bem-sucedida, porém necessitava de estrutura. Por conseguinte, não podemos esquecer que "as fotografias não se esgotam em si, antes são feitas para desvendar o passado".<sup>247</sup>

Na tentativa de compreender "a representação fotográfica, seus significados e suas finalidades"<sup>248</sup> percebe-se que a imagem analisada, por se tratar de uma foto pertencente à Associação dos Moradores da Vila São José do Itaporã, parece denunciar a situação de abandono em que se encontrava o espaço destinado à feira livre da Distrito.<sup>249</sup>



**Figura 53 - Fotografia cedida da Assoc. de Moradores do Distrito de São José de Itaporã. 1980**

As feiras nas cidades vizinhas ou da Vila de São José do Itaporã, além de propiciar uma alternativa de vida para os trabalhadores rurais, era também um lugar significativo para os Agricultores, pois nela tinham a oportunidade de ficarem informados e de encontrarem amigos de outras localidades. Nas feiras das cidades próximas é o trabalhador rural ficava

<sup>247</sup> FIGUEREDO, H. G. Coord. **Imagens de São Gonçalo: Fotografia e História**. Laboratório de Pesquisa História 2001.

<sup>248</sup> KOSSY, B. **Estética, memória e ideologia fotográficas: decifrando a realidade interior das imagens do passado**”In: Revista Acervo, Arquivo Nacional, v.6, nº 1-2, 1993.

<sup>249</sup> Atualmente a Feira Livre do Distrito de São José do Itaporã esta bastante organizada e urbanizada.

sabendo “das novidades” na política e na economia do Brasil, da Bahia e do seu Município. As feiras do Recôncavo eram o local possível para o intercâmbio de informações, de culturas e de modos de vida que se imbricavam e se completavam.

A ida à feira aos sábados e aos domingos possibilitava aos agricultores se informarem sobre os políticos como relata Mauro; "quem era o prefeito de Muritiba, era Geraldino Almeida, Getulio Vargas que era homem meu filho, naquele tempo os homem vestia calça boa, de tergal, era, era! Ganhava dinheiro!"<sup>250</sup>

Os Trabalhadores rurais, longe do que apregoam muitos discursos sobre o homem e a mulher do campo no Recôncavo Sul, e do Nordeste<sup>251</sup>, - discursos que tentam construir um arquétipo de homem rural nordestino extremamente ignorante e desinformado aos moldes da personagem dos quadrinhos “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato<sup>252</sup>, - tinham interesse a respeito de seus representantes políticos, bem como da economia do seu país. Nas vendas ou nas barracas que comercializavam comidas e bebidas, os trabalhadores se reuniam e conversavam sobre diversos assuntos, como relata Sr. Osvaldo;

Era a gente pegava aquele feijão naquelas barracas, era tira-gosto e cachaça. Eu mesmo muitas vezes fiquei bêbado. A gente conversava, falava de muito assunto, da roça, de vereador e prefeito que não faz nada e outras coisas.<sup>253</sup>

Observa-se que a memória do Sr. Osvaldo não deixa dúvidas quanto às discussões entre os trabalhadores rurais sobre política, pois se falava dos plantios na roça, das ações dos vereadores e das ações do prefeito do seu município. Junto ao balcão da venda os lavradores de várias localidades da região se aglutinavam e conversavam sobre diversos assuntos — falavam das namoradas, do preço da farinha, do valor da arroba de fumo<sup>254</sup>, dos amigos distantes, enfim, a feira era um espaço de socialização da informação entre os agricultores.

Para D'Almeida; "tão importante quanto o mercado, os encontros nas feiras destacavam-se na vida dos lavradores".<sup>255</sup> Desta forma, pode-se dizer que as feiras do Recôncavo tornaram-se espaços singulares para a constituição e elaboração de modos de vida dos trabalhadores rurais de São José e do Recôncavo, bem como era um lugar que mediava às trocas simbólicas entre o campo e a cidade. Na feira a fronteira cultural é suplantada pela

<sup>250</sup> Narrativa do Sr. Mauro Machado.

<sup>251</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e Outras Artes**. Rio de Janeiro: Cortês, 2009. Ele diz que o nordeste é uma invenção a partir do discurso da literatura e das imagens. p.33

<sup>252</sup> A personagem criada por Monteiro Lobato nos anos 1920 para caracterizar o agricultor ignorante que aceitava sua situação de miséria passivamente sem lutar para melhorar sua qualidade de vida.

<sup>253</sup> Narrativa do Sr. Osvaldo da Silva.

<sup>254</sup> Uma arroba equivale a 15 quilos.

<sup>255</sup> D'Almeida SANTANA, Charles. Op.Cit.

necessidade de coexistir com o diferente, pois ir a feira fazia parte do viver dos agricultores dentro da dinâmica de “idas e vindas” à cidade.

Nesse sentido, o encontro do trabalhador rural do São José do Itaporã com as cidades da região se dava em diversos momentos e com objetivos diferenciados. Buscava o trabalhador, na esfera urbana, uma alternativa para adquirir algum dinheiro com a venda de suas mercadorias nas feiras com a finalidade de voltar para casa trazer o alimento para sua família.

Para além das questões de ordem econômica, o agricultor buscava se informar em relação à economia e política do Município, do Estado e do País. O que demonstra que o trabalhador rural procurava, na medida do possível, se manter informado. As memórias dos agricultores, mesmo que ressignificadas pelas demandas do presente definem o campo como o lugar do trabalho duro no roçado, das dificuldades de sobrevivência e da escassez, já a cidade em suas narrativas se apresenta como o lugar do dinheiro, da prosperidade, da abundância. Olhando as memórias a partir da economia percebe-se que o limite do campo, o lugar da *escassez*, era a chegada à cidade, o lugar da *abundância*, local onde o agricultor poderia vender seu excedente e consumir aquilo que a cidade poderia lhe oferecer.

Não obstante, apesar das dificuldades muitos lavradores acreditavam que permanecer no campo mesmo tendo poucas condições para ter uma vida abundante era melhor do que se deslocar para as cidades, uma vez que por possuir pouca instrução poderia não conseguir emprego que lhe proporcionasse melhor qualidade de vida. Para muitos trabalhadores rurais, no campo, em seu roçado, ele mesmo determinava o seu horário de trabalho, já na cidade teria que se submeter a um novo tempo de trabalho pré-determinado pelos empregadores.

Nas décadas de 1970 e 1980 o lugar das trocas materiais e simbólicas entre o campo e a cidade eram as feiras, lugar onde o trabalhador rural e o homem da cidade se comunicavam e trocavam informações sobre seus respectivos espaços. As conversas nas barracas, nos negócios, as conversas na praça e nos bares permitiam que elementos culturais pudessem ser socializados entre o agricultor e o homem da cidade.

Portanto, a fronteira cultural é evidente que existia e não se limitava ao espaço onde vivem a população do campo e a população da cidade, mas residia - essa fronteira - em um plano psicológico, de singularidades de vivências e costumes que definiam características específicas relacionadas ao espaço rural do Recôncavo.<sup>256</sup> Esse contato do homem do campo com o cidadão permitiu a visualização da alteridade, de modo que cada cultura pudesse ser

<sup>256</sup> PESAVENTO, Sandra Jathay. **Além das Fronteiras**. Op. Cit. Para a autora; “As fronteiras tanto cultural como material não significam um limite fechado, mas “é um limite sem limites, que aponta para um além.” p. 37

percebida em seus traços singulares que definiram identidades e que se ressignificavam com novas identificações com as trocas constantes nas “idas e vindas” dos trabalhadores rurais ao espaço urbano.

### **1.3 – “O babá é bom demais”: o futebol como um lazer dos lavradores de Itaporã.**

Nenhum ser humano suportaria trabalhar ininterruptamente sem um momento para descontração e desapego em relação às responsabilidades que a vida cotidiana impõe. O lazer, como uma prática inerente ao ser humano, como um momento de sorrir, divertir-se, e entreter-se, se manifesta como uma dimensão da vida humana que possibilita, se não esquecer as responsabilidades laboriosas do dia-a-dia, pelo menos disfarçá-las em práticas cotidianas que possa vim propiciar satisfação e prazer<sup>257</sup>.

A prática do lazer não pode ser compreendida simplesmente como um momento de “escape” ou “fuga” do trabalhador em relação aos seus afazeres no dia-a-dia, pois, em alguns momentos, como verificamos entre os Agricultores em São José do Itaporã, lazer e trabalho poderiam em muitos casos se manifestarem de um modo simbiótico, como observa-se na narrativa de Isabel Ribeiro;

Assim, era, era assim, se tivesse descansando no domingo ou qualquer dia às vezes ia dá um Adjutório, ai os homem ficava contado causo, bebendo, comendo, era aquela alegria, mas também trabalhava muito, as mulher ficava fazendo comida e conversando, era, conversava sobre o dia-a-dia(...), comia, sorria, todo mundo se divertia até os meninos brincava, ajudava.O adjutório era barrufação de fumo, cavar cova, bonecar fumo, raspar mandioca, quando acabava voltava todo mundo para sua casa, era, cansado, mas alegre.<sup>258</sup>

As evidências na narrativa de Isabel Ribeiro é esclarecedora no sentido de mostrar que um momento de trabalho em Itaporã poderia, também, ser compreendido como um tempo de diversão e satisfação pessoal, pois, o trabalhador rural que deveria esta descansando ou se divertindo, acabava indo prestar um adjutório a um compadre ou amigo, onde ele trabalhava bastante, mas, também se divertia contando causos, comendo e bebendo, ou seja, praticando algo que lhe propiciava satisfação o que caracterizava aquela ação como uma forma de trabalho, mas também como uma forma de lazer peculiar daquele povo.

<sup>257</sup>CAMARGO, Luiz Otávio de Lima, **O que é lazer**, SP: brasiliense, 1999. - ( No primeiro capitulo o autor discuti as propriedades do lazer.)

<sup>258</sup>Narrativa já citado de Isabel Ribeiro, 30 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 25/08/2002.

Em um adjutório se realizava muitas tarefas uma vez que molhavam o fumo para não secar, cavam lavras para plantar fumo, raspavam mandioca para fazer farinha, penduravam o fumo para curar, tudo isso era feito em conjunto, os amigos se reuniam demonstrando um sentimento de solidariedade. Ao findar as tarefas do adjutório, mesmo estando todos cansados a voltava para casa era sempre um momento em que o sentimento de missão cumprida “falava mais alto” e a alegria refletia nos semblantes de todos os lavradores.

Por conseguinte, no seu próprio cotidiano de trabalho um(a) agricultor(a) no roçado resolvia contar causos, “tirar” versos, cantar aboios e em alguns momentos até namorar, - como era o caso dos namoros nas casas de farinhas, que acabavam em casamentos - tais ações também se caracterizava como uma forma de lazer no cotidiano do trabalhador rural do São José do Itaporã como verificamos na fala de Dona Francisquinha Filha;

Agente trabalhava, agente cantava, era, era assim mesmo na casa de farinha, agente cantava assim: Eu tava na peneira eu tava peneirando, eu tava no namoro eu tava namorando. Vigi menino! Quantas moça pego filho em riba do forno de farinha, no coxo, em?! (Risos).<sup>259</sup>

O lazer trás em se uma carga simbólica que opera no sentido de expressar muitas vezes signos e significados que ultrapassam o seu sentido *stritu sensu* de se apresentar como uma forma de libertar o trabalhador(a) por algumas horas ou dias das suas obrigações e compensa-lo da fadiga do trabalho. Ele pode tomar muitas vezes um “tom” de resistência quando aquele que o pratica está em busca de liberdade, seja essa liberdade em relação ao trabalho ou em relação a alguma forma de opressão. Entretanto, é preciso entender que o lazer é resultado das relações sociais, pois, como afirma o professor Camargo (1999); “os determinismos culturais, sociais, políticos e econômicos pesam sobre todas as atividades do cotidiano, inclusive sobre o lazer.”<sup>260</sup>

O lazer é algo construído culturalmente e sua manifestação enquanto um fenômeno social se dá nas comunidades camponesas do recôncavo sul, e em específico entre os Trabalhadores Rurais de São José do Itaporã como uma forma de reafirmar identidades, valores, e modos de vida. A manifestação da prática do lazer no dia-a-dia desses lavradores se mostrava - e se mostra - como um “discurso silencioso” que se apresenta em movimentos e ações de “sujeitos” sociais no cotidiano que buscam reafirmar características culturais e históricas.

<sup>259</sup> Narrativa já citado de Francisquinha Filha, 68 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 22/06/2002.

<sup>260</sup> CAMARGO, Luiz Otávio de Lima, Op.Cit. p. 10.

Não obstante, o lazer não pode ser compreendido de forma simplória como um tempo em que o trabalhador utilizar apenas para descansar, pois, fazer um samba em uma noite de Caruru de São Cosme e São Damião, ir à lapa de caminhão, jogar futebol, ir a cidade fazer compras, dançar forró intermitentemente nas noites de São João e nos reizados produziam desgaste físico. Entretanto, podemos inferir que todos esses momentos de diversão ao mesmo tempo em que propiciavam alegria aos trabalhadores rurais de Itaporã, também, produziam nos seus corpos o cansaço e a fadiga tão quanto o trabalho na lavoura, porém, esse mesmo cansaço e fadiga se manifestavam com um “sabor” diferente, pois, estas práticas lhes davam satisfação e prazer<sup>261</sup>.

No distrito de São José do Itaporã algumas práticas de lazer são marcantes e responsáveis pelos momentos de diversão e satisfação dos agricultores em relação ao trabalho duro no seu roçado ou nas terras dos fazendeiros da região. Dentre essas práticas, o futebol, um esporte inventado pelos ingleses e trazido para o Brasil no final do século XIX, como se sabe é algo marcante na vida dos brasileiros.<sup>262</sup>

Um dos elementos que alimenta o desejo dos trabalhadores rurais do São José do Itaporã de praticar este esporte é o acompanhamento dos times profissionais nos campeonatos Estaduais e principalmente no Nacional (Campeonato Brasileiro de Futebol Organizado pela CBF – Confederação Brasileira de Futebol). Para o senhor José de Vilar<sup>263</sup>:

É que... foi assim, foi, agente fez o campo aqui na Pindobeira, ai tudo é terra de herança, mas ninguém liga, todo mundo brinca a bola, mas com a energia e a televisão agente via o time do coração né? né?, é, assim, o Bahia e Vitória, eu mesmo sou Bahia, ai os mínimo dava vontade de jogar, tem ate o babá de quem torce para o Bahia e de quem torce para Vitória, é o BAVI, ninguém quer perder.

A implantação da energia nos povoados próximo a sede do distrito São José nos anos de 1990 foi um elemento importantíssimo na difusão da prática do futebol e na mudança de hábitos relacionados à prática do lazer, pois, foi possível se acompanhar o “time do coração” pela televisão, o que antes era feito por meio do rádio a pilha. Vê o seu craque preferido na

<sup>261</sup> CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. idem

<sup>262</sup> REIS, Heloisa Helena Baldy dos Reis. **Lazer e Esporte: o caso do espetáculo futebolístico**. Comunicação apresentada no ENAREL (Encontro nacional de recreação e lazer) em: 13 a 16 /11/2002 realizado na UNISC. Santa Cruz do Sul - RS/Brasil. Disponível: [www.google.com.br](http://www.google.com.br) – Acesso em: 17/01/2007 - A autora discute a partir dos trabalhos dos Sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning pioneiros nos estudos sobre o lazer nos anos 50 do século XX juntamente com os trabalhos do sociólogo francês Joffre Dumazedier como o futebol, esporte inventado pelos Ingleses, se transformou no grande espetáculo esportivo de século XX e XXI tornando-se uma das principais formas de lazer de toda humanidade no mundo contemporâneo.

<sup>263</sup> Narrativa do Sr. José de Vilar, 38 anos, residente no interior da Vila do São José do Itaporã na localidade da Pindobeira, entrevista realizada em 18/3/2002.

tela, visualizando o seu jeito de jogar, promovia no homem do campo o desejo de imitar o seu ídolo.

A rivalidade entre os principais times do Estado da Bahia que também se manifestava nos campos de futebol de Itaporã, pois, sempre se realizava o “babas do bavi”<sup>264</sup>, no qual, quem era torcedor do Bahia constituía o time representante dos tricolores, e neste ínterim, quem era torcedor do Vitória compunha o “baba”<sup>265</sup> Rubro Negro. Abaixo fotografia de um baba do BAVI:



**Figura - 54: Fotografia minha tirada em: 07/2007 momento do babá dos coroas na localidade da Pindobeira interior da Vila São José do Itaporã - BA.**

No dia da disputa do “babá do bavi” ninguém queria perder, isto fica claro na narrativa de seu Roque, muitas vezes, devido o empenho nas disputas pela bola, muitos lavradores “atletas” saíam lesionados das partidas. Os machucados ocasionados pelas quedas eram cuidados de imediato com limão e com gelo, este ultimo elemento de tratamento era também uma novidade em Itaporã, pois era resultado da chegada da energia na localidade que proporcionou aos lavradores a compra de geladeiras.<sup>266</sup>

<sup>264</sup>Se apresentar como um jogo de futebol no qual não há hora para acabar, os jogadores vão se alternando, enquanto uns jogam outras descansam. A idéia é jogar ate as pernas não agüentarem mais correr, normalmente tem um arbitro que marca as faltas e legitima os gols, tendo autoridade para expulsar o jogador que desrespeitar as regras do Baba.

<sup>265</sup>Nesse caso baba obtém o significado de Time de futebol.

<sup>266</sup>Sobre a chegada da luz no interior da Vila São José do Itaporã ver depoimento de Isabel Ribeiro, 30 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 25/08/2002.

A implantação da energia criou a possibilidade de muitos agricultores adquirirem eletrodomésticos, os quais acabaram lhes dando melhor qualidade de vida e mais uma opção de entretenimento. A geladeira, por exemplo, poderia conservar os alimentos congelado-os, principalmente a carne, que antes da geladeira era salgada e colocada no sol para ser conservada. Não obstante, a televisão criou um momento de reunir a família para assistir ‘as novelas’, em vez de se reuniam “para prostrar”. As antenas de TV estão por todas as casas em Itaporã, e tudo indica que os programas tem influenciando no comportamento dos agricultores, seja no vestir, no falar, no comer, na escolha das músicas, nas danças, nos relacionamentos, nos valores. Abaixo uma fotografia de um telhado de uma casa em São José e suas antenas de TV;



**Figura – 55: Atena de TV a cabo e Parabólica / Pindobeira em São José do Itaporã - Fotografia adquirida na pesquisa, 2012**

A chegada da energia fez muitos lavradores adquirem parabólicas a fim de assistirem suas novelas e acompanharem os jogos de futebol. Um novo fenômeno começa a se apresentar no campo, alguns lavradores já estão assinando TV a cabo para poderem acompanhar melhor o “time do Coração”. Ainda sobre o futebol, a narrativa de seu José mostra que o esporte para os agricultores era tão importante que muitos trabalhadores herdeiros de terra não exigiam a parte que lhes cabiam do terreno simplesmente para que o *campo de futebol* não fosse destruído, isto mostra que o esporte catalisava sentimentos e

---

emoções dos lavradores permitindo que eles fizessem questão da permanência do local onde se “batia (jogava) o baba”, um espaço importantíssimo no distrito onde se desenrolava momentos de se extravasar energias carregadas de múltiplos sentimentos.

Neste sentido, posso afirmar que os campos de Futebol em São José do Itaporã, assim como em boa parte do Recôncavo são *lugares singulares* carregados de memórias e vivências saturadas da expressão mais legítima da natureza de homens, mulheres e crianças que freqüentavam - e ainda freqüentam – os campos com o desejo de “forjar” para si momentos que propiciassem satisfação e prazer.

O acompanhamento do “*time do coração*” produzia - e ainda produz - conversas e polêmicas nas “vendas”<sup>267</sup>, reforçando em alguns casos, as relações de amizade entre amigos mesmo existindo discórdias. Após a prática do esporte o destino mais certo dos “*atletas agricultores*” era a venda, um lugar muito importante para a expressão de sociabilidades do homem do campo e para conversas singulares entre compadres, parentes e amigos. Para o Sr. Roque de Vilar:

A venda aqui é muito importante, é, é, aqui agente bate uma prosa com os colega né? Joga um domino, um sinuca ( sinuca) toma uma pá mode espantar o frio. Eu mesmo gosto de vim pá venda, meu filho que é dono dessa aqui, Arruda (apelido do filho), os meninos vem ai toma fiado, é assim né? Tudo se conhecer, todo mundo é amigo. Aqui na venda agente falamos de plantação, de bola e do que acontece né?, fala de tudo sabe? De tudo.<sup>268</sup>

O fala de Roque de Vilar mostrar que a Venda é um lugar importante para a vida dos agricultores de Itaporã. Depois de trabalhar todo o dia no roçado o lavrador buscava, quando praticante do futebol jogar o “baba” e em seguida se dirigir para venda onde era costume conversar com os amigos, tomar uma cachaça, jogar uma partida de dominó ou sinuca e em seguida se dirigir para casa pronto para no dia seguinte recomençar a vida de trabalho nos roçados. A venda era - e é - importante, na medida em que, este lugar se constituía como um espaço de informação e, sobretudo, de manifestação de práticas de lazer como podemos notar nas evidências da fotografia;

<sup>267</sup> Venda é o nome que recebe um determinado estabelecimento comercial no interior da vila do São José do Itaporã que opera ao mesmo tempo como uma espécie de mercadinho e ao mesmo tempo como boteco onde se bebe cachaça com folhas como; Erva doce, jiló, alumã, gengibre e também bebe-se cervejas. Neste espaço joga-se dominó, baralho é um ponto de encontro tanto dos homens como das mulheres.

<sup>268</sup> Roque Vilar, 52 anos, casado, trabalhador rural, vive na Pindobeira e é o dono do Campo de Futebol em seu terreno onde é realizado campeonatos



**Figura 56:** Fotografia adquirida na pesquisa em: 01/2007 após o “Babá dos Coroas” em Pindobeira em São José do Itaporã

Logo no primeiro plano da fotografia aparece seu Roque um dos responsáveis pelo “Baba dos Coroas” na Pindobeira. No segundo plano se tem as evidências do destino dos praticantes do futebol, pois pode-se observar rapazes com meias e chuteiras no recinto demonstrando que são praticantes do esporte. É na venda que os homens se encontram no final da tarde para falar da vida, para fazer amigos, para descontrair a consciência dos problemas do cotidiano, para sorrir.

No terceiro plano da fotografia pode-se notar as garrafas de cachaça que se encontram nas prateleiras. Essa bebida sempre foi o objeto de desejo de muitos lavradores após as partidas de futebol, pois, a não existência da geladeira, por conta da falta de energia, corroborou durante muito tempo para o aumento do consumo da “*mardita*”. Muitas vezes, desde a infância o lavrador matinha contato com bebidas que possuíssem alto teor alcoólico. É preciso dizer que beber cachaça se apresenta, sobretudo, como um aspecto cultural entre muitos lavradores.

Por conseguinte, o que ganhavam com a venda dos seus produtos nas feiras e os baixos salários que recebiam pelo trabalho nas roças dos pequenos e médios proprietários de terra não lhes davam condições para consumir bebidas mais sofisticadas como a cerveja e/ou vinho, como nos relata Benedito Amariano;

Quem é que tem dinheiro para mode beber cerveja todo dia em?, o esquenta (a quente) é com cachaça mesmo, mais menino! Em? É jiló, Eva doce,

riachão, cinqüenta e um, aqui todo mundo bebi, uns mais, outro menos, é assim, cachaça é pá homem de coragem.<sup>269</sup>

A venda em São José do Itaporã, assim como em muitas localidades do Recôncavo, sempre foi um lugar, no qual o sorriso se manifestava como expressão latente de satisfação e alegria, uma vez que ela se constituía como um espaço dinamizador de sociabilidades, pois, se constituía como um “lugar democrático” onde estando ali todos se igualavam ainda que algum possa possuir mais terra e/ou dinheiro do que outro. No caso específico dos trabalhadores rurais do São José do Itaporã é na venda que se organizavam - e se organiza - o baba, como podemos notar no segundo plano da fotografia, na qual, aparece na parede à direita uma cartolina com todos os nomes dos cadastrados na associação informal do “baba dos coroas.”<sup>270</sup> Entretanto, apesar de se chamar “*baba dos coroas*” muitos jovens compunham os times.

A imagem acima mostra claramente a participação de adolescentes no baba, isso acontece por que sempre houve organização. Observa-se na fotografia que existem coletes para os dois times, nenhum jogador está atuando sem está devidamente calçado, a bola é nova, existem redes no gol, tudo isso criava - e cria - no “baba dos coroas” um idéia de “profissionalismo” e organização, o que atraía a juventude para o campo.

O custeio desta organização é mantido por todos, segundo seu José de Vilar; “É, todo mundo paga uma taxa de dois real, as vez um vereador dá uma rede, uma bola, assim agente vai levando, né?”<sup>271</sup>Para Luis de Vilar o baba é muito importante para os jovens, pois:

“Aqui não tem nada, não é? Só tem a bola, o futebol, ta tudo organizado, Zé tomou a frente, no final do ano tem premio pro jogador revelação, para o artilheiro tem comemoração, todo mundo bebe e fica alegre, vije! o baba é bom demais”<sup>272</sup>

A partir da narrativa do jovem Luis de Vilar pode-se dimensionalizar a importância do baba para a juventude. Para ele “o baba é bom demais”. Uma expressão que aponta para satisfação e gosto em praticar o futebol como uma forma de lazer. Como ele frisa em sua narrativa; “aqui não tem nada, não é”, fazendo referencia ao fato de não existir outros espaços para diversão e lazer. Para os Jovens que levaram – e levam - uma infância e adolescência de trabalho duro nos roçados, o fim de tarde era o momento de acompanhar os pais todos os dias

<sup>269</sup> Narrativa de Benedito Amariano Fonseca, 30 anos, residente na localidade da Pindobeira, interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada em 20/05/2001.

<sup>270</sup> É considerado Coroa no Babá homens que tenham idade de 40 anos, porém isso não exclui a participação de jovens com a idade de 15 anos à cima, uma vez que há a necessidade de Atletas para compor os times.

<sup>271</sup> Narrativa já citado do Sr. José de Vilar, 38 anos, residente no interior da Vila do São José do Itaporã na localidade da pindobeira, entrevista realizada em 18/3/2002.

<sup>272</sup> Narrativa do Luis de Vilar Ribeiro, 20 anos, residente no interior da Vila do São José do Itaporã na localidade da pindobeira, entrevista realizada em 06/01/2007.

nos campos de várzea para vê-lo jogar futebol e assim, conseqüentemente despertar o desejo de praticar o esporte e manter a cultura do Baba.

Em São José do Itaporã existem algumas peculiaridades em relação à prática do futebol. O esporte sempre foi praticado todos os dias pelos trabalhadores rurais, de Segunda a Sexta feira, e nos domingos normalmente havia os torneios. Segundo Sr. Roque de Vilar;

É meu filho, foi assim, foi, aqui era roça de mandioca, fumo, é mandioca, os homens caiu em cima e fez esse campo, já tem pá mais de vinte ano, todo mundo brinca, é velho, é novo, é menino, é todo dia ( risos...) quem é que não gosta de bola, não é? não é?<sup>273</sup>

O futebol foi - e é - uma prática de lazer apreciada por todos na comunidade. Os campos de futebol de Várzea do Recôncavo sempre foram lugares democráticos, onde não há acepção de pessoas, e as gerações se relacionavam - e se relacionam - construindo em uma prática de lazer, a apresentação mais espontânea da cultura dessas pessoas, a qual se mostrava sem “pudor” aflorando a todo o momento em gestos, e, sobretudo, na força da palavra falada, a qual, neste espaço do Recôncavo é mais determinante que a palavra escrita no sentido de expressão de signos e significados no cotidiano.

O futebol sendo um esporte de ação que promove o movimento do corpo deixava os lavradores à vontade possibilitando a manifestação de gestos e maneiras de agir com o corpo que estão pautados em referenciais culturais, e que em alguns casos são absorvidos pelas novas gerações em formas de comportamentos que acabam também ganhando novos contornos dentro da relação dos jovens com os mais idosos.

A prática do futebol enquanto uma dimensão do lazer no cotidiano dos trabalhadores rurais do São José do Itaporã acabou construindo na vida dessas pessoas um tempo de brincar e se divertir que se dava e se dá todo final de tarde como uma forma de diminuir as tensões provocadas pelo trabalho na roça. Porém essa prática inventou uma tradição que há tempo já constitui uma dimensão da cultura desse povo que se manifesta no dia-a-dia e projeta para na posteridade elementos identitários. No domingo era normal toda família se dirigir para assistir os torneios. Segundo Isabel Ribeiro:

É, agente ia, ia, era todo domingo, Tinha geladinho e picolé, cocada, vendia muita cocada e pipoca, refrigerante, era uma festa. Ia todo mundo, ficava vendo o time jogar, era o Ideal. É, as menina ficava paquerando os menino, e eles também paquerava agente né? né? Já sabe, assim, olhando, olhava(

<sup>273</sup> Naarrativa do Sr. Roque de Vilar, 47 anos, residente no interior da Vila do São José do Itaporã na localidade da pindobeira, entrevista realizada em 18/3/2002.

<sup>144</sup> SANTANA, Charles D'Almeida. **Trabalhadores Rurais do Recôncavo Baiano: Memórias e Linguagens.** Revista Projeto História PUC de São Paulo, Nº 16, SP: EDUC, 1981. p.206 a 209.

Risos).Tinha batuque, era charanga, era aquela zoadeira. Mas agente voltava tudo alegre para casa.Tudo alegre. Tempo bom, era, era sim.<sup>274</sup>

Ir ao campo de futebol aos domingos era motivo de alegria para toda família, momento de descontração, sobretudo para os mais jovens, pois, o campo de futebol se constituía como um espaço onde podiam experimentar vivências que fugia a rotina do cotidiano, como por exemplo, encontrar um amigo de outra localidade e colocar o “papo” em dia, arrumar uma paquera, em fim, visualizar algo diferente.

O domingo que havia torneio era muito animando todos se preparavam para irem ao campo, uma vez que estando naquele espaço iriam provar iguarias que eram novidade. Era o desejo de todos degustar um geladinho ou um picolé, ou simplesmente comer uma cocada. Ir ao campo de futebol em dia de torneio valia qualquer sacrifício como ate mesmo calçar um sapato apertado e andar mais de dois quilômetros ate chegar à sede da Vila “e vê o Ideal jogar”.

Durante a nossa pesquisa foi marcante a presença de um imaginário entre os lavradores do São José do Itaporã em relação a um time de futebol chamado Ideal, ao que parece esse time representava a Vila nas competições realizadas nos municípios de Cruz das Almas e Muritiba ganhando muitos torneios e emprestando muitos jogadores para seleção do município de Muritiba e outras cidades do Recôncavo sul, esses jogadores eram “reverenciados” na Vila simplesmente por jogar no ideal. As pessoas iam ao campo vê o time que representava a distrito jogar, ou seja, o Ideal. Nas palavras de Raimundo Virgílio conhecido como “Quito Barão”:

Há... eu joguei muita bola, joguei, joguei mesmo! Era no Ideal era Júlio, Jel, kel, Cido, Carlos, era tanta gente que jogava. O time era bom mesmo, viajava muito, era Muritiba, Cruz das Almas, até Salvador agente jogou, era amador, não sabe? Era, o povo gostava, tinha gente que fretava carro pá ir vê o time jogar, era um tempo bom. Aqui agente jogava no campo de Niceto, mas, acabou o campo, né? Agora é lá em Roque, só tem baba em Roque.<sup>275</sup>

Nas lembranças de Raimundo, o time Ideal era muito significativo para os trabalhadores rurais do São José do Itaporã, pois, as pessoas entusiastas do futebol amador acompanhavam o time em todos os jogos fazendo lotação para ir torcer pelo time que representava o distrito. Durante muitos anos o referencial de futebol amador em São José foi o time Ideal, um time formado por jogadores que praticavam o esporte como uma forma de

<sup>145</sup> Narrativa já citado de Isabel Ribeiro, 30 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 25/08/2002.

<sup>275</sup> Narrativa de Raimundo Virgílio Ribeiro, 50 anos, residente na Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 15/01/2007.

lazer, mas, que em muitos casos alguns desses “atletas” amadores acabaram ganhando até dinheiro atuando em seleções do Recôncavo Sul nos campeonatos intermunicipais<sup>276</sup>.

O time Ideal se configurou para São José do Itaporã como um ícone que catalisava as aspirações e os “sonhos” de muitos lavradores que desejavam se tornar jogador profissional de futebol, pois, em muitos momentos a prática do esporte trazia para o lavrador “*bom de bola*” a esperança de se tornar um jogador profissional. Abaixo temos uma fotografia que trás evidências da organização do time de futebol Ideal;



**Figura 57: Fotografia cedida pela moradora do interior da vila do São José do Itaporã D. Francisquinha Maria Filha que tinha um filho que jogou no Ideal. (Agachados da esquerda para direita o segundo jogador é o seu filho o famoso Quito Barão centroavante goleador do Ideal).1980**

A fotografia trás a evidência de que o futebol em do São José do Itaporã não era simplesmente um esporte amador sem importância e organização, ao contrário, percebe-se na imagem acima o padrão de camisa do time em perfeito estado, observa-se as chuteiras padronizadas, além da comissão técnica com massagista e técnico. O campo de futebol que o time Ideal do São José do Itaporã se encontra na foto é o Carmelito Barbosa Alves, conhecido como o estádio do “Barbosão” em Cruz das Almas.

As partidas do time Ideal propiciava aos trabalhadores rurais de São José momentos de satisfação e alegria. Acompanhar o time do coração nas partidas constituía-se para muitos trabalhadores como um tempo de lazer, momento de descontração que animava o trabalhador rural para permanecer na zona rural.

Nos dias em que se comemorava a Semana Santa, na sexta feira da paixão o baba se transformava e era chamado de “babá do vinho”, momento esperado por todos praticantes,

<sup>276</sup> Narrativa de Manoel Virgílio Ribeiro, 39 anos, residente na Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 10/01/2007.

neste dia todos estavam presente nos campos de várzea do interior da Vila do São José do Itaporã, pois, sabiam que após o fim da partida “a bebedeira de vinho ” complementar a alegria de ter jogado futebol na sexta feira da paixão. Segundo seu Roque:

É o no dia do babá do vinho, eu nunca vi tanta gente! dá mais de quatro baba( Quatro times com onze jogadores), vem gente de tudo quanto é lugar, é por que depois é aquela cachaçada, o povo bebe mais de dez, quinze, vinte caixa de vinho, é cachaça, cerveja, folha, fica tudo ai, ai arriado no campo, já teve muito que agente levou de galiota pá casa, fica ruim mesmo, tudo bebo.<sup>277</sup>

O vinho sempre seduziu os homens e as mulheres durante a história, bebida requintada e apreciada por muitos, sempre fez parte de momentos especiais nas comemorações dos guerreiros após as longas batalhas na antiguidade e em diversos momentos da história humana. No interior da vila do São José do Itaporã não era diferente, após, quase três horas de futebol ininterrupta a bebida era o complemento para alcançar o êxtase da satisfação pessoal depois de trabalhar todo dia nas roças de fumo, mandioca e outras atividades ligadas à vida no campo.

Não obstante, não se podia beber vinho todos os dias devido o seu preço, bebia-se mesmo era cachaça comum, mas, havia um dia especial para “lavar” a alma com a bebida tão desejada, era no dia do “baba do vinho” na Sexta Feira da Paixão, uma tradição da Igreja Católica, reelaborada pelos lavradores do São José do Itaporã.

Como fora dito, o dia do “baba do vinho” acontecia – e acontece - na Sexta Feira da Paixão, e era - e é - um dia esperado pelo lavrador para saborear as “delicias da bebida” nas comemorações da paixão e ressurreição de Cristo. Entretanto, é preciso dizer que segundo a tradição Católica foi na Sexta Feira da Paixão que Cristo foi morto, neste sentido, esse fato nos faz pensar que esses lavradores seguidores da maioria dos dogmas da Igreja poderiam, enquanto Católicos, manter “uma postura de respeito” em relação ao seu principal Deus, o que não acontecia, uma vez que era e é um dia de bastante euforia e bebedeira o que demonstrava o desapego pelo menos naquele dia das praticas religiosas impostas pela Igreja Católica se apresentando o baba do vinho como um momento que refletia uma busca de liberdade e também como resistência em relação às ideologias dominantes construídas pela Igreja há séculos.

No final da partida do baba do vinho todos agricultores se dirigiam a venda para comprar e saborear a tão desejada bebida ate ficarem bêbados, sendo que, como afirma seu Roque, alguns agricultores era preciso levar para casa de carrinho de mão. Isso não implica

<sup>277</sup> Narrativa já citado do Sr. Roque de Vilar.

em dizer que a bebedeira era pelo motivo da boa qualidade do vinho, pois, na maioria dos casos a bebida era de segunda e de terceira categoria.

Bebia-se vinho simplesmente porque uma vez por ano os trabalhadores rurais do São José do Itaporã praticantes do futebol como uma forma de lazer aproveitavam para todos em conjunto, se apropriarem da Tradição Católica e construírem um momento de descontração, satisfação e reafirmação de sua identidade singular.

A prática do futebol no Interior de São José do Itaporã se mostrava - e ainda se mostra - como uma dimensão da vida de lavadores que mesmo estando sobre o jugo da exploração de sua mão-de-obra buscavam na prática desse esporte um momento não só para não pensar nas responsabilidades cotidianas da labuta com a terra e também nas questões referente à elaboração de estratégias para sobrevivência no campo, mas, a atitude de se colocar como um “atleta de final de tarde” trazia objetivos bem definidos que se apresentavam como reafirmação, criação e reelaboração de praticas culturais externadas em múltiplos sentimentos e ações no cotidiano do campo de futebol.

Neste sentido essas práticas culturais acabavam propiciando para esses agricultores um momento de desabafo, de reafirmação de identidade, de conformismo e resistência a todos aspectos negativos de viver no “mundo” rural sobre as agruras do trabalho duro no campo e sob o jugo da exploração de sua mão-de-obra por pequenos e médios fazendeiros.

Não obstante, uma outra dimensão da vida dos lavradores do São José do Itaporã poderia oferecer uma nova possibilidade de lazer para os mesmos, pois, as praticas de tradições religiosas poderiam também se apresentar no interior da Vila como uma forma de lazer dentro de uma simbiose de praticas religiosas com momento de diversão que propiciavam satisfação e prazer a muitos lavradores.

#### **1.4 – O lazer e a religião no campo: relações entre práticas.**

A religião é algo muito importante na vida dos trabalhadores Rurais do São José do Itaporã seja como uma forma de buscar transcender a realidade na tentativa de encontrar respostas para perguntas que não encontram explicações satisfatórias, ou simplesmente como uma maneira de encontrar na transcendência um “aconchego” que possibilitem aos mesmos suportar a existência..

Em Itaporã a religião pode se apresentar quase sempre gera após os rituais um alguma prática de lazer, na medida em que estas práticas religiosas produzem por meio da

experimentação dos trabalhadores a sensação de satisfação e prazer, constituindo, desta forma, uma “nova” dimensão das práticas desses agricultores, práticas estas, alicerçadas em tradições religiosas reinventadas no dia-a-dia de uma vida marcada pela luta para sobreviver e permanecer no campo.

As festas tradicionais de Santo Antonio, de São Roque e São João são manifestações religiosas carregadas de sentimentos de fé, mas, também se constitui como uma prática de lazer, na medida em que, na celebração dos festejos desses santos católicos os lavradores acabavam se divertindo. Segundo Isabel Ribeiro:

Era, era porque as pessoas achava que aquilo era um lazer e ao mesmo tempo era tradição de São Roque e Santo Antonio, agente se juntava, fazia os preparativo e fazia a festa , ai era um lazer né? E ao mesmo tempo não era.<sup>278</sup>

A narrativa de Isabel mostra que as celebrações religiosas promoviam um momento de alegria e diversão para esses lavradores. Ela afirma que “as pessoas achava que aquilo era um lazer e ao mesmo tempo era tradição”. Essas palavras comprovam a existência da idéia de que a festa religiosa também poderia ser um momento no qual as pessoas poderiam se divertir e se afastar de suas obrigações cotidianas. Entretanto, no final das palavras de Isabel ela diz que “Ai era um lazer, né? E ao mesmo tempo não era”.

Essas últimas palavras da entrevistada nos fazem pensar que apesar dos festejos aos santos de devoção dos lavradores de Itaporã se apresentarem como um tempo de alegria que se constituía como um momento de lazer e de satisfação, eles tinham em mente que aquele momento era muito especial, pois, era também um tempo de adoração e de louvor aos seus santos “queridos”. Isto nos permite dizer que a manifestação da religião Católica nos povoados próximos a aglomeração urbana de São José não seguia os princípios da liturgia pregada pelos padres. As pessoas reelaboravam rezas, e faziam reflexos contraditórias de pontos cruciais do Cristianismo, pois como eram em sua maioria analfabetos e não liam a Bíblia, apenas conheciam o que ouviam falar.

Por conseguinte, a manifestação da religiosidade do lavradores pautadas em um intimidade com os santos era uma espécie de “antropofomisação” dos mesmos, na medida em que se poderia ter uma relação mais humana com eles. Um exemplo eram as moças que colocam a imagem ou a escultura de Santo Antonio de Cabeça para baixo até que ele lhe desse um noivo. Após as celebrações os lavradores poderiam, beber bastante licores e

---

<sup>278</sup> Narrativa já citada de Isabel Ribeiro, 30 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 25/08/2002.

cachaça, dançar até “moia a camisa”, comer até não agüentar e até mesmo dizer certos palavrões. Depois das rezas, as festas e comemorações tornavam-se um tempo de lazer.

As festas religiosas no interior da Vila do São José do Itaporã eram marcadas pela satisfação desde os preparativos até o auge das celebrações. Para Francisquinha Filha.

Tinha os preparativos né meu fí? Juntava era gente para fazer caruru, proseava, São Roque era pipoca e mungunzar e Santo Antonio já fazia bolo, era, é antigamente usava bolacha daquela que chamava estaca, de milho, a festa era sábado mode no domingo não ia trabalhar, né?, tinha samba, mas dependia da reza, todo mundo sambava, há todo mundo ficava feliz, era de quinze a oito dias que as pessoas já estavam se preparando pá rezar, festejar o dia do santo.<sup>279</sup>

Ao se aproximar o dia dos louvores aos santos de devoção as pessoas começavam-se preparar para os festejos. Segundo D. Francisquinha “era de quinze a oito dias que as pessoas já estavam se preparando para rezar”. Era um momento esperado por todos não simplesmente pela adoração ao santo predileto de devoção, mas, era esperado, sobretudo, pelos festejos que propiciavam alegria e felicidade mesmo que momentânea para pessoas que trabalhavam duro o ano todo nas lavouras de fumo, mandioca, nos roçados de feijão ou cuidado dos gados e dos pomares. Para cada *Santo de devoção* servia-se um prato especial, as pessoas se fartavam das comidas, quase todas derivadas do milho, pois, era época de fatura desse grão, depois, quando era pertinente a festa e possível, dançavam forró ou sambavam até a madrugada chegar “banhada pelos raios do sol”.

Desse modo, percebe-se que os festejos aos *santos de devoção* em Itaporã lhes propiciavam muitas alegrias, era um tempo também de lazer, pois, as festas eram feitas aos sábados para que pudessem beber, comer e dançar bastante, uma vez que, no domingo não se trabalhava só em casos de ir vender algo nas feiras da região ou prestar um adjutório a um amigo ou parente.

Um dos momentos de grande manifestação de religiosidade entre os lavradores do São José do Itaporã era a festa em Louvor São João, pois, as pessoas faziam fogueiras, soltavam bobas e iam de casa em casa bebendo, comendo, cantando, enfim, se divertindo. Para Isabel Ribeiro:

É, isso já se acabou mais, tem é, tem, as pessoas ainda vem nas casa come, bebe, magi não tem mais dança como antigamente, e muita gente de noite vai pra Cruz das Almas, vai vê o forró, ai morreu a festa um pouco, aquela alegria né? Mas ainda é alegre.<sup>280</sup>

<sup>279</sup> Narrativa já citada de Francisquinha Filha, 68 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 22/06/2002

<sup>280</sup> Narrativa já citada de Isabel Ribeiro Oliveira

Os festejos juninos era um dos mais animados, pois “as pessoas vem nas casa come, bebe”, mas, muita coisa vem mudando, sobretudo, a partir da criação do arraiá de Cruz das Almas onde se apresentam bandas de forró de renome nacional fazendo muitos lavradores do São José do Itaporã se deslocarem para a referida festa todas as noites diminuindo assim o fluxo de visitas nas casas em noite de São João.

Entretanto, é preciso acentuar que a difusão dos eletrodomésticos com a chegada da energia em São José do Itaporã permitiu que os agricultores tivessem acesso a aparelhos de TV e Som o que favoreceu a difusão de elementos da indústria cultural que acabou criando uma nova necessidade entre os lavradores, tal necessidade se configurava no desejo de ouvir e vê a sua banda de forró predileta o que só era possível se deslocando para o município de Cruz das Almas, o qual vem promovendo já a duas décadas um grande evento durante os festejos juninos onde se apresentam, como já fora dito, bandas de forró de grande sucesso nacional. O professor Dr Janio Roque de Castro (2012) faz um relato sobre o momento em que se inicia os festejos Juninos em Cruz das Almas;

Considerando a cronologia gestonária em Cruz das Almas, pode-se afirmar que as festas juninas na Praça Sumaúma iniciaram-se no final da década de 1980 como iniciativa do prefeito Lourival José dos Santos e que foi mantida pelo seu sucessor Carmelito Barbosa (1993-1996)(...) O prefeito Raimundo Jean Cavalcante ( 1997-2004) se preocupou mai sem espetacularização e midiatização da festa.<sup>281</sup>

Apesar de muitas pessoas temerem as espadas – artefato pirotécnico feito de bambu, barro e pólvora - de Cruz das Almas, a partir do governo de Jean Cavalcante, o São João deste município começou atrair pessoas de todas idades, dos povoados circunvizinhos e de varias cidades do Recôncavo e até mesmo da Capital. Castro ainda diz que;

A proposição de festas juninas concentradas na área urbana de Cruz das Almas atraiu algumas pessoas que ainda se mostraram temerosas em relação à possibilidade daquele evento ser inviabilizado abruptamente pela ação de espadeiros. Muitos foliões Juninos locais e de outras cidades não acreditavam no pacto de convivência pacífica entre a prática da guerra de espadas e a festa em espaço público aberto.<sup>282</sup>

A imagem abaixo nos dá a dimensão do Arraiá de Cruz das Almas e seu poder de aglutinação de pessoas durante os festejos Juninos.

<sup>281</sup> CASTRO, Janio Roque barros de. **Da casa à praça: a espetacularização das festas juninas no espaço Urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.175

<sup>282</sup> Idem. p.176



**Figura 58: Fotografia cedida pelo departamento de comunicação da prefeitura Municipal de Cruz das Almas - BA – São João 2005.**

Esse aglomerado de pessoas que a fotografia mostra no Arraiá em Cruz das Almas não é resultado exclusivamente da população desta cidade, mas resulta da vinda de pessoas de toda região do Recôncavo, sobretudo, de agricultores com seus filhos e filhas que se deslocam para esse “centro” de festejos juninos na busca de vê os diversos shows de bandas de forró. Essa prática fez os lavradores se afastar de suas tradições em comemoração do São João, pois, como afirma Isabel Ribeiro “muita gente de noite vai para Cruz das Almas, vai vê o forró, ai morreu a festa aqui, a alegria, né?”

Com a criação do Arraiá no Parque Sumaúma em Cruz das Almas, em meados dos anos oitenta<sup>283</sup>, muitos lavradores começaram a se deslocar para a referida festa, o que de certo modo modificou a tradição dos festejos juninos em São José do Itaporã, sobretudo, em relação às visitas noturnas as casas de parentes e amigos onde se realizavam os tradicionais “forró na sala”.

Nota-se que a dimensão religiosa dos festejos a São João enfraqueceu de forma significativa em Itaporã, dando lugar, principalmente para os mais jovens, a possibilidade de experimentar uma forma de lazer diferente dos seus avós e pais. Isto se deve, sobretudo, ao fato da existência da energia no campo que possibilitou o lavrador ouvir as músicas das bandas famosas de forró no rádio e, também, vê-las na televisão, o que acabou despertando nos lavradores o desejo irem nas suas apresentações. A chegada da energia nos campos do Recôncavo Sul ressignificou as práticas de lazer entre os lavradores, na medida em que

<sup>283</sup> Informação do pessoal do Departamento de Comunicação da Prefeitura de Cruz das Almas - BA.

elementos da modernidade se inseriram de forma mais decisiva nestes espaços mudando o olhar dos agricultores em relação a dimensões da vida cotidiana como o lazer e sua religiosidade.

Outra pratica religiosa que se dá de forma concomitante com práticas de lazer é a subida à serra do Aporá em Itaporã. É uma tradição muito significativa para esses agricultores tanto do ponto de vista de uma tradição religiosa como também representa um momento de descontração e diversão. A procissão para Serra do Aporá se dava - e se dá – no dia primeiro de novembro, dia em que se comemora o dia de Todos os Santos. A subida também acontece no dia oito de dezembro, dia das comemorações em louvor a Nossa Senhora da Conceição. A subida além de ser uma devoção dos trabalhadores rurais do São José se constituía como um momento particular, no qual, a diversão se expressava junto com a fé.



**Figura 59:** Fotografia adquirida na pesquisa em 08/12/2005, dia das comemorações de Nossa Senhora da Conceição.

A Fotografia mostrar a quantidade de pessoas na Serra em frente a Capela Nossa Senhora da Conceição. Pode-se verificar que a grande massa de pessoas presentes são de jovens filhos, em sua maioria, de agricultores. Muitos deles subiam a Serra para paquerar, beber, enfim, para se divertir. Outros subiam para, além de se divertir, pagar alguma promessa, fazer sua oração de agradecimento por graças alcançadas durante o ano, era um momento no qual a religiosidade se constituía como o motivo principal da subida, mas, a diversão se apresentava, também, como um momento de lazer.

No terceiro plano da fotografia, há uma cruz bem no centro da Serra e uma capela a sua direita, local onde as pessoas faziam sua adoração cedendo velas, cantando e rezando. Vale Ressaltar que a construção tanto a Cruz e como da Capela foram financiadas pelos Alemães, os quais são os maiores compradores do fumo produzido pelos agricultores do São José do Itaporã e da região<sup>284</sup>.

Mesmo a subida da Serra do Aporá se constituir como uma manifestação da religiosidade dos lavradores do São José Itaporã, esse evento se era, também, como uma de prática do que chamamos de “um lazer sagrado”, ou sejam uma prática religiosa que possuem também um tempo de lazer.

Subir a Serra era ter uma dimensão do seu gigantismo, pois estando em cima é possível vê uma grande parte das terras próximas. A fotografia abaixo nos mostra perfeitamente a dimensão da Serra do Aporá.



**Figura 60: Fotografia adquirida na pesquisa em 08/12/2005, dia das comemorações de Nossa Senhora da Conceição.**

A Serra é bastante alta, pois, a partir das evidências que fotografia trás pode-se concluir que estando na Serra pode-se vê uma boa parte de todo Vale do Paraguaçu. No segundo plano temos os pomares de limão pertencentes a pequenos e médios proprietários de terra. No terceiro plano se vê o Rio Paraguaçu, “o Nilo do Recôncavo”, no qual muitos pescadores retiram seu sustento, e a sua água abastece quase todas as cidades da micro-região de Santo Antonio de Jesus-BA, Feira de Santana e Salvador.

---

<sup>284</sup> Informação do Sindicato dos trabalhadores rurais do São José do Itaporã.

Subir a Serra uma ou duas vezes ao ano significava contemplar a “grandeza” das paisagens como contemplar o por do sol, observar o gigantismo do Rio Paraguaçu e os pomares e plantações da região. Todo sacrifício para chegar ao topo era louvável desde que ao final da tarde os agricultores pudessem findar o dia com a sensação de missão cumprida, de satisfação e com suas promessas reafirmadas para voltar no ano seguinte caso a graça fosse alcançada.

Como um tempo de diversão alicerçada em uma prática religiosa de pagamento de promessas e devoção, a subida da Serra constituía-se para os lavradores como um momento singular, no qual, as pessoas vislumbravam um momento delicado da vida, “um dia de ócio cheio de suor feliz”, tão cheio de tranquilidade que findava-se o dia “banhado” pela satisfação de está reafirmando um identidade cultural carregada de simbolismos e reinventada na multiplicidade das vivências cotidianas.

Assim como a subida da Serra era penosa a descida era em nada diferente, como pode-se inferir a partir das evidências da imagem abaixo:



**Figura 61: Fotografia adquirida na pesquisa em 08/012/2005, dia das comemorações de Nossa Senhora da Conceição.**

A fotografia mostra que a descida não era fácil, o que nos faz concluir que a subida pior seria, entretanto, é preciso dizer que a questão de descer ou subir a serra não incomodava o lavrador do São José do Itaporã, o que lhe preocupava era se por algum motivo no dia da subida ele estivesse impossibilitado de “cumprir com sua obrigação”. Por conseguinte, mesmo sabendo que iria chegar em casa extremamente casado, a subida a serra significava para o

trabalhador rural do São José do Itaporã, a renovação de seus princípios religiosos e a preparação para iniciar o ano com a proteção dos seus santos de devoção.

### **1.5 - A Peregrinação a Bom Jesus da Lapa: Um Lazer Sagrado.**

A relação entre o lazer e as ações ligadas às práticas religiosas se apresentam também nas idas desses lavradores a Bom Jesus da Lapa. A “peregrinação” ao milagre de Bom Jesus da Lapa no Sertão da Bahia não se apresentava apenas como uma demonstração de fé, os trabalhadores rurais do São José do Itaporã iam a Lapa também para experimentar um momento de descontração e afastamento das obrigações do cotidiano.

Se dirigir à Lapa todos os anos se constituía também como uma forma de experimentar possibilidades de lazer, na medida em que o lavrador estando no “lugar sagrado” não se dedicava exclusivamente a adoração ao seu santo de devoção, mas, o mesmo buscava naquele espaço construir para si momentos de descontração e diversão. Para Isabel Ribeiro:

Quando chegava lá, lá na Lapa ia pra feira, pro rio, subia na serra, queria vê coisa diferente que agente não convivia com aquilo, trazia raspadura, queijo, isso é hoje, por que antigamente era difícil, não tinha muito dinheiro né? Agente ia pá Igreja rezar, ficava lá, tinha missa, tudo isso era uma coisa que tinha que fazer, passava três dias quando chegava em casa batia o cansaço, também! Em cima de um caminhão, um dia e meio em cima de um banco sem recosto, é brinquedo em?! As pessoas ia porque tinha devoção principalmente os mais velho, mas tinha também isso, né? Diversão.<sup>285</sup>

Ao chegar a Lapa o lavrador tinha diversas possibilidades de realizações, ele poderia de imediato se dirigir a Igreja para cumprir suas obrigações religiosas ou o mesmo buscava “vê coisa diferente” como ir à feira ou ao rio. O trabalhador rural do São José do Itaporã ao chegar à “Lapa” acreditava estar cumprindo com a sua palavra em relação às promessas feitas aos seus santos de adoração, porém, estando naquele espaço, o mesmo buscava criar para si momentos de satisfação pessoal.

Ir a Lapa, como fica bem claro no depoimento de Isabel, significava para o lavrador do São José do Itaporã muito mais que a realização de uma peregrinação ao santuário de Bom Jesus da Lapa e cumprir com suas promessas, a peregrinação à Lapa se apresentava como uma possibilidade de vivenciar algo diferente que lhes propiciassem sensações e emoções “novas”, pois os agricultores “não conviviam com aquilo” que fugia a rotina dura do trabalho do campo.

<sup>285</sup> Depoimento já citado de Isabel Ribeiro, 30 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 25/08/2002.

Não obstante, isso não implica em negar o caráter religioso da peregrinação ao santuário de Bom Jesus da Lapa, pois, o que queremos demonstrar é o fato de que os agricultores que se dirigiam a esse espaço não buscavam apenas manter uma tradição religiosa, uma vez que a viagem ao Santuário de Bom Jesus da Lapa aglutinava sentidos que demonstravam- e demonstram - uma multiplicidade de intenções para o lavrador que realizava a peregrinação a esse “local sagrado”.

Neste sentido, o depoimento de Isabel Ribeiro trás evidências de que a peregrinação ao santuário de Bom Jesus da Lapa enquanto uma manifestação religiosa dos trabalhadores rurais de São José do Itaporã se dava de um modo simbiótico com as intenções de lazer do lavrador, na medida em que, ela afirma que “as pessoas iam por que tinha devoção, principalmente os mais velho, mas tinha também isso, né? Diversão.”

Apesar do cansaço que a viagem proporcionava ao trabalhador rural, pois, se levava um dia e meio viajando sentado em bancos sem recosto em cima de um caminhão o que acabava originando câimbras e dores nas articulações do corpo, principalmente nas pernas e na coluna, os trabalhadores realizavam a viagem cantando, contando causo, rezando, como observamos no depoimento de Dona Francisquinha Filha:

Há meu filho, era... era alegria, pouco dinheiro né? Mas tinha alegria, agente ia era todo mundo em riba do caminhão, tudo sorrindo, contando pirla, cantando, reza, era, era contando causo, era, agente se divertia, né? Divertia, mas era muito cansaço, o corpo doía todo, doía era, mas valia a pena, pá vê nosso Senhor Bom Jesus da Lapa agente faz qualquer coisa, dormia ate em cima do caminhão, hoje não, é tudo diferente, tem Ônibus, ai é mas bom nu é? Dá ate pá mode tirar uma madornazinha( Cochilo).<sup>286</sup>

A viagem à lapa segundo Francisquinha era marcada pela descontração, pois, se contava causo, catava-se, era uma viagem marcada pela manifestação do sorriso mesmo sofrendo com dores no corpo por está sentado em um banco sem recosto em cima de um caminhão durante um dia e meio de viagem parando apenas para que os lavradores realizassem as necessidades fisiológicas.

A memória de dona Francisquinha compõe uma lembrança de um tempo em que para o trabalhador rural do São José do Itaporã ir ao santuário de Bom Jesus da Lapa só era possível enfrentando uma viagem árdua em cima de um caminhão. A viagem era marcada pelo desgaste físico, mas, também era matizada por momentos de solidariedade entre os “romeiros”, que apesar das agruras do deslocamento, era possível “forjar” para se momentos

<sup>286</sup> Depoimento já citado de Francisquinha Filha, 68 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 22/06/2002.

de descontração e satisfação pessoal por meio do entoamento de cantigas, das rezas e do conto de causos.

Não obstante, é preciso dizer que os trabalhadores já se sentiam satisfeitos simplesmente pelo fato de estarem indo cumprir com suas obrigações religiosas e, sobretudo, por que sabiam que estavam se dirigindo ao encontro de um espaço “diferente” onde se apresentariam aos seus olhos um “leque” de possibilidades de diversão e lazer mesmo tendo pouco dinheiro.

O depoimento de dona Francisquinha também trás a evidência da transformação no meio de transporte que utilizavam para fazer a viagem, uma vez que o deslocamento era realizado em cima de um caminhão onde não era possível se quer dormir um pouco, pois, toda viagem era realizada sentados em um banco sem recosto. Ao se referir ao tempo presente ela diz que; “hoje não, é tudo diferente tem ônibus, ai é mas bom, nu é? Dá ate pá mode tirar uma madornazinha”. A sua fala e o seu semblante no momento da entrevista demonstravam certa alegria pelo fato de hoje existir um pouco mais de conforto na peregrinação ao santuário de Bom Jesus da Lapa.

Os trabalhadores rurais do São José do Itaporã se dirigiam ao santuário de Bom Jesus da Lapa com o “coração religioso” e o olhar impregnado do desejo do turista, olhar este caracterizado pela vontade de experimentar vivências diferentes que lhes trouxessem satisfação pessoal. Esses agricultores apesar das constantes viagens buscavam vê “o diferente” naquele espaço como possibilidades de entretenimento e lazer.

O lavrador do São José do Itaporã mesmo estando “embriagado” do sentimento religioso, quando se deslocava até o santuário de Bom Jesus da Lapa indubitavelmente se valia daquele momento para, se não esquecer, pelo menos se distanciar das agruras da vida cotidiana no campo construindo para se um tempo de diversão elaborado na síntese da simbiose entre a religião e o lazer..

Sendo assim, não se pode precisar a linha que demarcava onde acabava o ato religioso e a pratica do lazer no momento em que o agricultor se encontrava cumprindo suas obrigações religiosas “na gruta de Bom Jesus da Lapa”, de modo que pode-se afirmar que tal ação configurava-se em uma manifestação simbiótica de lazer e prática religiosa em um mesmo tempo e em um mesmo espaço. Para Isabel Ribeiro:

Era, ir a lapa era devoção e lazer ao mesmo tempo, as pessoas se preparavam, comprava roupa nova, sacola pra comprar as novidade, pra ir pá Lapa, era aquela alegria, faziam farofa, matava galinha, juntava dinheiro e levava pra comprar lá. De uma noite pra outra ninguém dormia, chegava à hora da viagem e pra não perder a hora da viagem, o horário né? Agente

saia de casa uma hora, ia de caminhão, ia sentado no banco, quando dava sono cochilava no banco.<sup>287</sup>

Como fica claro na de Isabel, ir a Lapa “era devoção e lazer ao mesmo tempo”. As pessoas se preparavam para realizar a peregrinação ao santuário de Bom Jesus da Lapa com um sentimento de satisfação e alegria, compravam roupas novas, sacolas e juntavam dinheiro para comprar as “novidades”. Para comer na viagem faziam farofa de galinha e levavam café para beber e espantar o sono, uma vez que se dormissem em cima do caminhão sentados em um banco sem recosto poderiam cair e se machucar gravemente.

A viagem era tão importante para os lavradores que eles não dormiam na véspera da viagem, ficavam acordados contando as horas esperando o momento de subir no caminhão e se deslocar para o “lugar sagrado” dos romeiros. O cordelista Beco de Petim ao escrever um cordel em comemoração aos 300 anos de romarias ao santuário de Bom Jesus da Lapa convida os peregrinos da seguinte forma:

“Bom Jesus te espera,  
Para a comemoração,  
Vá meu bom romeiro,  
Vá limpo de coração,  
Pois, será o maior festejo,  
Realizado no sertão”.<sup>288</sup>

O verso de Beco de Petim mostra claramente que na época das romarias ao santuário de Bom Jesus da Lapa a cidade se encontrava em festa o que propiciava provavelmente para os peregrinos, como era o caso dos lavradores do São José do Itaporã, um contato com parque de diversão, com bandas de forró pé-de-serra na praça, ou seja, era um momento de conhecer pessoas de outras cidades, era um momento de experimentar o “diferente”, de vivenciar algo que fugisse da realidade cotidiana de trabalho em São José do Itaporã.

O lazer no interior do São José do Itaporã se manifestava como um fenômeno social de um modo tão singular que não se pode compreender a sua prática “olhando” para tal categoria de um modo isolado, sem associá-lo a outras ações da vida cotidiana. Não se pode entender a manifestação de formas de lazer entre os lavradores do São José do Itaporã sem que se possa dissociá-lo de outras dimensões de suas vidas.

O lazer, enquanto uma ação humana “formatada” sobre os alicerces culturais, se manifesta na vida dos trabalhadores rurais de Itaporã muitas vezes de um modo simbiótico

<sup>287</sup> Depoimento já citado de Isabel Ribeiro, 30 anos, residente na Pindobeira interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada 25/08/2002.

<sup>288</sup> Petim. Beco de, **300 Anos de Romarias – Literatura de Cordel**. Castro Alves – BA: 1991

com trabalho no roçado, nas praticas religiosas, nas viagens para outras cidades, sobretudo, nas romarias para os “milagres”, principalmente para o santuário de Bom Jesus da Lapa no Sertão baiano.

Por conseguinte, seria impossível viver nos campos do Recôncavo a partir das décadas de 1970 e 1980 sem construir momentos de sorriso e satisfação pessoal embutidas em diversas dimensões da vida cotidiana. Nesse período ocorreram transformações no campo e nas cidades que foram significativas no sentido de construir uma “realidade” hostil a vida campesina onde os lavradores que viviam sob o jugo da expropriação de sua mão-de-obra, de suas heranças de terras, enfrentando a seca, e a inflação.

Portanto, pode-se dizer que a manifestação do lazer paralelamente com outras dimensões da vida cotidiana dos lavradores dos campos do Recôncavo e em especial do distrito do São José se constituiu como um elemento fundamental na construção de estratégias de sobrevivência que possibilitaram o trabalhador rural permanecer no campo mantendo aspectos culturais que em diversos momentos funcionaram como a “força motriz” dessas práticas de entretenimento que além de propiciar um momento de alegria para esses agricultores corroboraram para reafirmar características identitárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A vida cotidiana é a vida de todo homem, nela colocam em funcionamento todos os seus sentidos, suas habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, idéias, ideologia”.*

**Agnes Heller**

O cotidiano da vida humana, hoje nas academias parece ser o foco de inúmeros estudos, no entanto, muito ainda se tem por pesquisar da vida dos “*sujeitos*” sociais que estiveram presente na “*construção*” da história, mas, que foram colocados à margem da nas ciências sociais e na historiografia por intenções que estão alicerçados no tempo de suas elaborações e nas teorias que sustentavam a retórica de muitos historiadores e cientistas sociais.

Essa pesquisa, buscou colaborar para “*resgatar*” as vozes daqueles que a muito tempo foram silenciados, e excluídos da história, aqueles que não eram entendidos como “*sujeitos*” que participavam do desencadeamento do processo histórico humano.<sup>289</sup> Nesta linha de pensamento, o esse trabalho visou da voz à homens e mulheres que experimentaram um tempo de crise e transformações no Recôncavo Baiano. Creio que não encontrei todas as respostas, mas evidente que compreendi como os lavradores de São José lutaram pela sobrevivência criando estratégias como; deslocamentos temporários para cidade, a venda de seu excedente nas feiras regionais, a venda de sua força de trabalho nos roçados de amigos e fazendeiros, os quais foram os meios que encontraram para conquistar o sustento de suas famílias.

As evidências contidas nas narrativas dos trabalhadores rurais possibilitaram entender diversos aspectos da cultura de Itaporã e do Recôncavo tais como; os costumes e as tradições. Reconstituindo suas experiências de vida do passado com seu viver atual, os trabalhadores de São José do Itaporã deixaram externar muito das formas que vêem o mundo, que sentem a experiência de existir e viver no campo, em seu lugar. A memória destes trabalhadores como

---

<sup>289</sup>BURKE, Peter (Org). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

algo que pode conservar informações e atualizá-las<sup>290</sup>, externou muitas das relações entre os pequenos e médios proprietários de terra em um momento de crise econômica e meteorológica no Recôncavo.

As narrativas traduziu-se na externalização de uma multiplicidade de experiências, em uma linguagem local constituidora e constituinte de aspectos identitários das pessoas daquele espaço. A linguagem se mostrou como referencia de pertencimento a uma cultura “forjada” na luta pela sobrevivência no campo, na busca de não deixar o “seu lugar”. Os relatos dos trabalhadores trouxeram evidências de um viver árduo, mas cheio de esperança em um futuro que traria dias melhores, ao mesmo tempo se apresentou como um saudosismo das épocas de abundância de frutas nas roças, das festas tradicionais e de costumes para muitos já reelaborados.

Por meio das falas, fotografias e outros documentos pode-se perceber todo um conjunto de permanências e transformações no viver dos trabalhadores rurais de São José do Itaporã. A religiosidade desses “*sujeitos*” sociais se manifestou nas entrevistas e aos nossos olhos durante a observação participante, uma vez que, participei de rezas nas casas dos lavradores e fui à procissão do São José, o que me proporcionou experimentar o seu cotidiano de Fé e devoção. Compreendi que a religião é algo muito importante na vida destes lavradores, na medida em que ela se traduz em esperança em dias melhores.

Por conseguinte, pude verificar que os trabalhadores rurais mais velhos permanecem com toda uma carga de valores que tentam passar através da oralidade aos filhos e aos netos, porém, os mais jovens começam a se distanciar da cultura dos seus antepassados. Para eles “*a roça não dá como antigamente*”<sup>291</sup>, preferem tentar conseguir um trabalho nas grandes capitais – São Paulo, Salvador – ou nas cidades vizinhas, se afastando desta forma, cada vez mais do trabalho na lavoura, do “*viver da terra*”.

Os pequenos proprietários da terra do São José do Itaporã apesar das pequenas extensões de terra que possuem continuam lutando para viver no campo. No entanto, a cultura no distrito se reelabora a todo o momento, se tornando cada vez mais diversificada e complexa, uma vez que toma extensões que abarcam valores e costumes da cidade, mas, o passado ainda se manifesta no presente através dos seus resíduos que imbricado com o emergente elabora uma cultura que abarca o “velho e novo”, o “antigo e o moderno”.

---

<sup>290</sup> LE, Goff Jacques. **História e memória**. 4ª ed. São Paulo: Editora UNICAMP. P.423.

<sup>291</sup> Depoimento de Fernando Vilar 20 anos residente na Pindobeira, interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada em 20/04/2002.

Portanto, acredito que contribuí para a problematização do trabalho no campo no Recôncavo baiano, uma vez que, muito dos significados sociais contidos nas memórias dos lavradores da referida localidade foram aqui expostos e analisados, no entanto, entendo que muito sobre a temática ainda se tem para estudar.

**FONTES:****1- Orais:**

Armando Alves Machado, Casado, 71 anos, residente em São José do Itaporã, lavrador aposentado.

Antonio Ferreira Conceição, casado 60 anos, residente em São José de Itaporã, Lavrador e ex-operário da Leste

Raimundo Virgílio Ribeiro ( Quito de Noca) ,casado, 55 anos, ex-lavrador e motorista, aposentado, residente em São José do Itaporã.

Armando Santos, casado, 62 anos, residente em São José de Itaporã, Lavrador aposentado.

Armando Alves Machado, Casado, 71 anos, residente em São José do Itaporã, lavrador aposentado.

Antonio Ferreira Conceição, casado 60 anos, residente em São José de Itaporã, Lavrador e ex-operário da Leste.

Benedito Amariano Fonseca, solteiro, 43 anos, trabalhador rural, residente em São José do Itaporã, entrevista realizada em 20/05/2001.

José Carlos Pereira de Jesus, divorciado, 54 anos, pedreiro, ex-trabalhador do fazendeiro Genuário da Caatinginha.

José de Vilar, 50 anos, residente em São José do Itaporã na localidade da Pindobeira, entrevista realizada em 18/3/2002.

Roque Vilar, 62 anos, casado, trabalhador rural, residente me São José do Itaporã. Entrevista realizada em 18/03/2002.

Luis de Vilar Ribeiro, casado, 26 anos, lavrador e estudante, residente em São José do Itaporã, entrevista realizada em 06/01/2007.

Manoel Virgílio Ribeiro, casado, 45 anos, lavrador e comerciante, residente em São José do Itaporã, entrevista realizada 10/01/2007.

Mauro Machado da Silva, casado, 77 anos, lavrador e comerciante, residente em São José do Itaporã. Entrevista realizada 28/07/2002.

Edmar Pereira de Souza, 42 anos, casado, nasceu no São José e hoje vive em Cruz das Almas trabalhando como comerciante de farinha e derivados no Mercado Municipal de Cruz das Almas - BA.

Isabel Ribeiro Oliveira, 41 anos, estudante, viveu em São José do Itaporã, mas hoje reside em Cruz das Almas- BA, entrevista realizada 25/08/2002.

Fernando Vilar, 32 anos, residente na Pindobeira, interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada em 20/04/2002.

Francisquinha Filha Virgílio, 81 anos, residente na Pindobeira, interior da Vila do São José do Itaporã e realizada em 14/04/2002.

Narrativa do Sr. Osvaldo da Silva, 58 anos, residente na Lagoa Suja, Interior da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada em 23/06/2002.

Angélica Vituriana da Silva, 60 anos, residente na Lagoa Suja, interior do São José do Itaporã, entrevista realizada em 23/06/2002.

Lurdes Ribeiro, 81 anos, residente da Vila do São José do Itaporã, entrevista realizada em 25/06/02.

Narrativa de João dos Santos Teixeira e, motorista aposentado em Aracaju (SE) e Valder Teixeira. In: SILVA, Andrea Santos Teixeira. **Entre a casa de farinha e a estrada Bahia-Feira: Experiências camponesas de conflito e sociabilidade na garantia da sobrevivência, Feira de Santana (1948 – 1960)** . Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia sob a orientação do Prof.º Dr. Antonio Luigi Negro. Disponível no banco de dados on-line de dissertações da UEFS; 2008.

Narrativa de Valdomiro Braga, lavrador residente nas Pedrinhas em São José de Itaporã. – Entrevista concedida para o **Documentário: A cultura do Fumo na Bahia – Produção SINDFUMO**. – 2005.

## **2- Escritas:**

### **2.1-Bibliográficas**

CASTRO, Anfilóbio. **Muritiba: Sua História, seus Fados, Digressões**. Notas – BAHIA, Tipografia Naval, Bahia; 1941.

FERREIRA, Jurandir Pires. **A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE; 1958.

SANTANA, Alino Matta. **Livro do Centenário: Marcos do Progressos de Cruz das Almas**, Ed. Bureau, Bahia 1991.

PETIM. **Beco de, 300 Anos de Romarias – Literatura de Cordel**. Castro Alves – BA: 1991

## 2.2 – Teses, Dissertações e Monografias:

FONSECA, Áurea Côrtes Nunes de Oliveira. **Aspectos do Desenvolvimento Regional no Recôncavo Sul Baiano: o caso do Município de Cachoeira – Bahia – Brasil** – Barcelona 2006. Tese de Doutorado Disponível em; cncflora.jbrj.gov.br – p. 75

JESUS, José Alberto Nascimento de. **Trabalhadores da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro entre percursos e percalços na cidade de São Félix – BA, décadas de 1940/1950**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2009.

JESUS, Simone Figueiredo de. **Viver em Muniz Ferreira: Cotidiano e Transformações de uma Vila no Recôncavo Baiano (1930-1960)**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós Graduação em Historia Regional e Local – UNEB/ Campus V. 2010

OLIVEIRA, A. J. **Experiências, Cotidiano e Representações dos Trabalhadores Rurais de São José do Itaporã - 1960 / 1990**. Monografia apresentada na conclusão do curso de Especialização em História Regional e local – UNEB/Campus V - digitada e depositada na Biblioteca do Campus V.

SALVADOR, F. **A Centralidade da Feira de São José do Itaporã - BA** – Monografia apresentada ao curso de Geografia –FAMAM.

SILVA, Andrea Santos Teixeira. **Entre a casa de farinha e a estrada Bahia-Feira: Experiências camponesas de conflito e sociabilidade na garantia da sobrevivência, Feira de Santana (1948 – 1960)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia sob a orientação do Prof.º Dr. Antonio Luigi Negro. Disponível no banco de dados on-line de dissertações da UEFS.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer Charutos: Uma atividade Feminina**. Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em História – mestrado da UFBA; 2001.

SONNEVILLE, J. J. **Os Lavradores de Fumo: Sapeçu - BA 1850 – 1940**. Salvador. 1982. Dissertação de Mestrado depositada na Biblioteca Central da UFRB. P.129.

SOUZA, E. M. O. **Memória e Tradições Viveres de trabalhadores rurais do Município de Dom Macedo Costa-Ba, 1950-1960**. Programa de Mestrado Interinstitucional em História Social PUC/SP 1999.

## 2.2-Arquivos

### APEB - Arquivo Público do Estado da Bahia

Governo da Província da Bahia – Série: Viação Muritiba – 1854 a 1859 / Seção de Arquivo Colonial e Provincial - Nº 4756. APEB. Registro Eclesiástico de Terras.

Mapas do Recôncavo do século XX

**APSF – Arquivo Público de São Felix.**

Fotografias Diversas

Livros raros sobre o Recôncavo.

Jornal *O correio de São Felix*, 1950, 1970, 1980

**APC – Arquivo Público de Cachoeira.**

Documentos diversos sobre os Séculos XIX e XX em Muritiba.

**Arquivo do CETEP (Antigo CEAT) - Centro Territorial de Educação Profissional Recôncavo II Alberto Tôrres.**

Fichas de Matrícula 1970 a 1980.

Fotografias

**ACM – Arquivo da Câmara de Muritiba**

Atas da Câmara de 1930 à 2013

Fotografais diversas.

Projetos de vereadores para o distrito de São José de Itaporã 1990 - 2010

**BMM – Biblioteca Municipal de Muritiba.**

Fotografais Diversas

Enciclopédia dos Município de 1958 – Documento Raro

**BMC – Biblioteca Municipal de Cruz das Almas.**

Livros raros

Jornal *Nossa Terra* 1955

**CASA OSWALDO DE SÁ EM MARAGOGIPE.**

Livros raros Sobre o Recôncavo de autoria de Oswaldo de Sá

Jornais *Redenção, Redepção, O Nacionalista*. 1950, 1970, 1980.

**3-Sites:**

www.seagri.ba.gov.br/fumo\_final.doc

[cncflora.jbrj.gov.br](http://cncflora.jbrj.gov.br)

[www.google.com.br](http://www.google.com.br)

<https://www.ufba.br/>

<http://www.uefs.br/portal>

<http://www.ibge.gov.br/home/>

<http://www.sei.ba.gov.br/>

<http://www.sei.ba.gov.br/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Muritiba>

<http://itaporan.blogspot.com.br/>

<http://povodearuanda.wordpress.com/2007/12/03/mini-dicionario-tupi-guarani/>

#### **4 – Documentários**

Documentário: **A cultura do Fumo na Bahia** – Produção SINDFUMO. – 2005.

## REFERÊNCIAS:

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**, 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ADORNO, Theodor W. **Epistemologia e Ciências Sociais**. Espanha; Frónesis Cátedra Universitat de Valencia,2001.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e Outras Artes**. Rio de Janeiro: Cortês, 2009. Ele diz que o nordeste é uma invenção a partir do discurso da literatura e das imagens.
- ALVES, P e MASSEI, R C. **Artigo de uma pesquisa introdutória realizada pela FAPESP**. SP 1998.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- ANDRADE. Adriano Bittencourt. **A espacialização da Rede Urbana no recôncavo Baiano Setecentista à luz da cartografia Histórica**. In: Anais do III Simpósio Luso- Brasileiro de Cartografia Histórica; 2009.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: **Obras escolhidas: magia e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BERGER, Peter L. **A construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes; 1985.
- BARICKMAN, B. J. **Um Contraponto baiano: Açúcar, fumo, mandioca e escravidão no recôncavo, 1780-1860** – RJ: Civilização brasileira, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_, Pierre. Estrutura, habitus e prática. In: **A economia das trocas simbólicas**. 3 ed., São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo, **Cidade e Recôncavo da Bahia**. In: BRADÃO, Maria de Azevedo. (org) **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em transição**. Salvador; Fundação Casa Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.
- \_\_\_\_\_, Maria Azevedo (Org.). **Recôncavo Baiano: Sociedade e Economia em Transição**. Salvador: Fundação Jorge Amado, Acadêmia de Letras da Bahia: UFBA.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo, Perspectiva; 1978.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter (Org). **A Escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** 8ª Ed, São Paulo; Ed34, 1997.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima, **O que é lazer,** SP: brasiliense, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.

CARNEIRO, M. J. **Revista Estudos Femininos,** Florianópolis – SC : 2006 .

CASTRO, Anfilofio. **Muritiba: Sua História, seus Fados, Digressões.** Notas – BAHIA, Tipografia Naval, Bahia; 1941.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça: a espetacularização das festas juninas no espaço Urbano.** Salvador: EDUFBA, 2012.

CASTRO. Hebe Maria Mattos de. **Ao Sul da História: Lavradores Pobres na Crise do trabalho Escravo.** São Paulo, Brasiliense; 1987.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 9 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_, Michel.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar.** 5. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CHAUÍ, M. **Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil.** SP. Ed. Brasiliense, 1994.

CHARTIER, Roger. **O mundo como Representação.** In; **Revista Estudos Avançados.** nº 11; 1911 – Disponível; [www.google.com.br](http://www.google.com.br). Acesso em 04/03/2012.

\_\_\_\_\_, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Carlos Frederico Corrêa da. **Manual do Mini-curso de História Oral – ANPUH-UFF,** Niterói: Rio de Janeiro, 2001.

COSTA, José Américo da. **Estradas de rodagem no estado da Bahia. Memória apresentada ao Terceiro Congresso Nacional de Estradas de Rodagem.** Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1924.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método Sociológico.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano – A essência das religiões**. SP: Martins Fontes, 1952.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Jurandir Pires. **A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE; 1958.

FIGUEREDO, H. G. Coord. **Imagens de São Gonçalo: Fotografia e História**. Laboratório de Pesquisa História 2001.

FONSECA, Áurea Côrtes Nunes de Oliveira. **Aspectos do Desenvolvimento Regional no Recôncavo Sul Baiano: o caso do Município de Cachoeira – Bahia – Brasil** – Barcelona 2006. Tese de Doutorado Disponível em; cncflora.jbrj.gov.br Acesso: 03/04/2013.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. RJ: Ed. Graal, 1979.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade: Histórias de escravos e libertos na Bahia – 1870-1910**, Campinas, SP; Ed Unicamp; 2006.

GADELHA, Regina Maria d'Aquino Fonseca. **A lei de terras (1850) e a abolição da escravidão: capitalismo e força de trabalho no Brasil do século XIX**. Trabalho apresentado no *I Congresso Internacional da Escravidão*, Universidade de São Paulo (USP), 1988. Disponível em; **Rev. hist. n.120 São Paulo jul. 1989**.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Ed. LTC, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar; 2001.

\_\_\_\_\_. **Gêneros confusos. La re(con)figuración del pensamiento social**. In; *The American Scholar*, vol. 49, N° 2, primavera de 1980, págs. 165-179.

GIDDENS, A. **Política, Sociologia e Teoria Social: Encontros com o Pensamento Social Clássico e Contemporâneo**. Tradução; Cibele S. Rizek. São Paulo UNESP, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_, Carlo. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações. In: BETHENCOURT, Francisco; e CURTO, Diogo Ramada (org) **Memória e Sociedade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª edição Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada de vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro; Paz e terra; 1979.

HOBBSAWN, E. J. **Sobre História.** Companhia da Letras.

\_\_\_\_\_, E. J. e RANGER, T. **A Invenção das Tradições.** RJ: Paz e Terra, 1997.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos.** Lisboa: Editorial Presença, 1973.

IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento.** Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento.

JESUS, José Alberto Nascimento de. **Trabalhadores da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro entre percursos e percalços na cidade de São Félix – BA, décadas de 1940/1950.** Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2009.

JESUS, Simone Figueiredo de. **Viver em Muniz Ferreira: Cotidiano e Transformações de uma Vila no Recôncavo Baiano (1930-1960).** Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós Graduação em Historia Regional e Local – UNEB/ Campus V. 2010

KOSSY, B. **Estética, memória e ideologia fotográficas: decifrando a realidade interior das imagens do passado**”In: Revista Acervo, Arquivo Nacional, v.6, nº 1-2, 1993.

LE, Goff Jacques. **História e memória.** 4ª ed. São Paulo: Editora UNICAMP. P.423.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LE, Goff Jacques. **História e memória.** 4ª ed. São Paulo: Editora UNICAMP. P.423.

LÉVI-STRAUSS, Claude, **O pensamento selvagem.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

LEWIN, H.(ORG.) **Uma nova abordagem da questão da terra no Brasil: o caso do MST em campos dos Goytacazes.** Rio de Janeiro, 7letras, 2005.

MARCELIN, Louis Herns. **A linguagem da casa entre os Negros do Recôncavo baiano.** In; Scielo. vol.5, nº 2, Rio de Janeiro; Oct. 1999.

MARTINS, José de Souza **A reforma Agrária brasileira e o papel do MST.** In: STEDILE, J. P. (org.) **A Reforma Agrária e a luta do MST.** Petrópolis, Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_, José de Souza **Caminhada no chão da noite: Emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo.** Hucitec, São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_, José de Souza **O cativo da terra.** São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_\_, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Hucitec, 2000.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 4 ed. São Paulo; Martin Claret, 2005.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Bahia: Século XIX: uma província no Império**. R. J., 1992.

MESQUITA, Augusto Sávio. & OLIVEIRA, José Mário Carvalhal de. **A cultura do fumo na Bahia: da excelência à decadência**. Disponível em: [www.seagri.ba.gov.br/fumo\\_final.doc](http://www.seagri.ba.gov.br/fumo_final.doc). Consulta em; 25/03/2013.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3. ed., São Paulo: Contexto, 1994.

MOREIRA, Roberto José. **Terra, Poder e Território**. Ed.Expressão Popular, São Paulo; 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes: 1994.

NARDI, Jean Baptist. **O fumo no Brasil Colônia**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

OLIVEIRA, A. J. **Experiências, Cotidiano e Representações dos Trabalhadores Rurais de São José do Itaporã - 1960 / 1990**. Monografia apresentada na conclusão do curso de Especialização em História Regional e local – UNEB/Campus V - digitada e depositada na Biblioteca do Campus V.

OLIVEIRA, Ana Maria. C. S. **Recôncavo Sul: terra, homens, economia e poder no século XIX** salvador-Ba: UNEB 2002.

OLIVEIRA, Rosy de. **O Barulho da Terra: Nem Kalunga Nem Camponeses**. Ed. Progressiva, Curitiba; 2010.

OLIVEIRA, Selma Felipe de. **A Construção da Tradição**. Cultura, volume 4, nº 01, junho de 1996. p. 129. **Projeto História**; São Paulo; nº 17; novembro de 1998.

PEDRÃO, Fernando Cardoso. **Novos Rumos, Novos Personagens**. In; BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição**. Salvador: Fundação Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; UFBA; 1998.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **A cor da alma: ambivalências e ambigüidades da identidade nacional**. IN: Ensaios FEE, Porto Alegre, v20, n.1,1999.

\_\_\_\_\_, Sandra Jathay. **Além das Fronteiras**. IN: MARTINS, Maria Helena (org.) **Fronteiras Culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. Editora Ateliê, São Paulo: 2002.

PETIM. **Beco de, 300 Anos de Romarias – Literatura de Cordel**. Castro Alves – BA: 1991.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In; **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PEDRÃO, Fernando Cardoso. **Novos Rumos, Novos Personagens**. In; BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição**. Salvador: Fundação Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; UFBA; 1998.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos Reis. **Lazer e Esporte: o caso do espetáculo futebolístico**. Comunicação apresentada no ENAREL (Encontro nacional de recreação e lazer) em: 13 a 16 /11/2002 realizado na UNISC. Santa Cruz do Sul - RS/Brasil. Disponível: [www.google.com.br](http://www.google.com.br) – Acesso em: 17/01/2007.

REVEL, Jaques. **Microanálise e construção Social**. In: **Jogos de Escalas: A experiência da Microanálise**. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas. 1998.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. RJ: FGV, 2002.

SALVADOR, F. **A Centralidade da Feira de São José do Itaporã - BA** – Monografia apresentada ao curso de Geografia –FAMAM. 2008.

SAMUEL, R. **Documentação: História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 9, n 19. Ano 1990.

SANTANA, Alino Matta. **Livro do Centenário: Marcos do Progressos de Cruz das Almas**, Ed. Bureau, Bahia 1991.

SANTANA, Charles D'Almeida. **Fatura e Ventura Camponesas: Trabalho, Cotidiano e Migrações - Bahia: 1950 – 1980**. SP: AnaBlume; 1994.

\_\_\_\_\_, Charles D'Almeida. **Trabalhadores Rurais do Recôncavo Baiano: Memórias e Linguagens**. Revista Projeto História PUC de São Paulo, Nº 16, SP: EDUC, 1981. p.206 a 209.

SANTOS, Denílson Lessa dos. **Curandeiros/Curandeiras e Doentes nas Encruzilhadas da Cura. Santo Antônio de Jesus. Recôncavo Sul – Bahia (1940-1980)**. In; ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 10: Arquivos e Fontes: a pesquisa histórica na Bahia.

SANTOS, Miguel Cerqueira. **O domínio urbano e suas implicações regionais: o exemplo de Santo Antonio de Jesus-Ba** – Salvador. Ed. UNEB. 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **História e Memória: o caso do Ferrugem**. Rev. Brás. Hist. Vol. 23, nº 46 SP: 2003.

SANTOS, Milton. (et.al.) **Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro; Lamparina, 2007.

SAUER, Sérgio. **Terra e Modernidade: a reinvenção do Campo Brasileiro**. Expressão Popular, São Paulo; 2010.

\_\_\_\_\_, Milton. **A Rede Urbana do Recôncavo.** In; BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.) **Recôncavo da Bahia: Sociedade e Economia em Transição.** Salvador: Fundação Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; UFBA.1998.

\_\_\_\_\_, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec; São Paulo: 1988.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória.** São Paulo; Companhia das letras, 1976.

SCHWARTZ, B. Stuart. **Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial – 1550-1835.** São Paulo; Companhia das Letras, 1988.p.84

SCOOT, J. C. **Formas de Resistência Camponesa.** In: **Revista de Ciências Sociais e Econômicas.** Programa de Pós Graduação em Sociologia / UFCG. Vol. XXI, Nº 01, Paraíba; 2002.

SILVA, Andrea Santos Teixeira. **Entre a casa de farinha e a estrada Bahia-Feira: Experiências camponesas de conflito e sociabilidade na garantia da sobrevivência, Feira de Santana (1948 – 1960) .** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia sob a orientação do Prof.º Dr. Antonio Luigi Negro. Disponível no banco de dados on-line de dissertações da UEFS; 2008.

SILVA, Armando Correa. **Geografia e Lugar Social.** São Paulo; Contexto, 1991.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer Charutos: Uma atividade Feminina.** Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em História – mestrado da UFBA; 2001.

SONNEVILLE, J. J. **Os Lavradores de Fumo: Sapeaçu - BA 1850 – 1940.** Salvador. 1982. Dissertação de Mestrado depositada na Biblioteca Central da UFRB.

SOUZA, E. M. O. **Memória e Tradições Viveres de trabalhadores rurais do Município de Dom Macedo Costa-Ba, 1950-1960.** Programa de Mestrado Interinstitucional em História Social PUC/SP 1999.

THOMSON, Alistar. **Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias.** Projeto História, São Paulo. 1997.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro; Zahar; 1981.

\_\_\_\_\_, E. P. Tempo, Disciplina de Trabalho e o Capitalismo Industrial. In; **Costumes sem Comum.** São Paulo; 1998.

\_\_\_\_\_, E. P. **Costumes em Comum.** SP. Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral.** Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1992.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo, Martin Claret, 2003.

\_\_\_\_\_, M. **Metodologia das Ciências Sociais – Vol. 1 e 2.** Tradução Augustin Wernet, 4ª Edição, Ed. Cortez, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_, M. **Sociologia**. COHN, G. (Org.). 3ª edição, São Paulo, Ática, 1990.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro; Zahar, 1971.

\_\_\_\_\_, Raymond. **O campo e a cidade : na história e na literatura**. São Paulo : Companhia das Letras; 2001.

WOORTMAN, Ellen F. **O Saber Tradicional Camponês e Inovações**. In; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. & MARQUES, Marta Inez Medeiros. (org.) **O campo no Século Xxi: Território de vida , de luta e de construção da Justiça Social**. São Paulo; Casa Amarela e Paz e Terra; 2004.

VASCONCELOS, Maria Drosila. **Pierre Bourdieu: A Herança Sociológica**. In: **Revista Educação & Sociedade**, Ano XXIII, nº 78, Abril; 2002.

YI-FU TUAN. **Topofilia: um estudo da percepção, atividade e valores do meio ambiente**. São Paulo; Difel, 1980.

**Anexo****QUESTIONÁRIO DE PESQUISA****Mestrado em Ciências Sociais: Cultura Desigualdade e Desenvolvimento – UFRB****Mestrando Alex de Jesus Oliveira****1-Nome Completo:**  
\_\_\_\_\_**2-Você nasceu:** Nasceu no São José de Itaporã Em outra cidade. Qual? \_\_\_\_\_**2- Qual a data do seu nascimento? E onde você foi registrado?**  
\_\_\_\_\_**3- Você se considera?** Pardo  branco  Negro**4- Você é praticante da Religião** candomblé Católico EvangélicoSe Evangélico, qual Igreja você frequenta?  
\_\_\_\_\_Antes de ser evangélico você era de qual religião?  
\_\_\_\_\_**5- você é alfabetizado?**  sim  não**6 –Você estudou?**  sim  não➤ **Onde Estudou?** Em São José de Itaporã  em outra cidade

Qual cidade? \_\_\_\_\_

➤ **Se respondeu sim até que série/ano ESTUDOU?** Fundamental,  fundamental Incompleto  médio incompleto,  médio,  superior,**7-Seus pais são casados?**  sim  não➤ Se respondeu sim, em que cidade e fórum registraram o casamento?  
\_\_\_\_\_**8-Seus descendentes nasceram em:** São José do Itaporã vieram para o São José do Itaporã

➤ Se vieram de outro lugar, de onde vieram? \_\_\_\_\_

**9-Quando vieram?** Início do século XX ( 1910..) antes de 1950 entre 1960 e 1970 após 1980**10 - Por que vieram para São José de Itaporã?** Estiagem ( seca)

- ( ) para ficar perto dos familiares
- ( ) Para mudar de vida
- ( ) para adquirem terras

**9- Os seus ancestrais ( antepassados) são afro-descendentes?**

- ( ) Sim ( ) não

**11 – Como eles ( seus antepassados ) adquiriram terras no São José de Itaporã?**

- ( ) pela compra de algum fazendeiro
- ( ) pela doação de algum fazendeiro
- ( ) pela doação da Igreja católica
- ( ) herança
- ( ) pelo apossamento de terras comuns ( devolutas)

**12– Se adquiriram por COMPRA pagaram com...**

- ( ) dinheiro
- ( ) com trabalho

**13- Quantos irmãos você tem?**

---

➤ Se possível cite os nomes deles:

---

**14- Seus pais foram Herdeiros de terra em São José de Itaporã?**

- ( ) sim ( ) não

**15 – Você é um herdeiro de terra em São José de Itaporã?**

---

**16 -Quantas tarefas você e seus irmãos herdaram de seus pais?**

---

**17– Você exerce outro trabalho além de agricultor? Tipo trabalha em terra alheia? Faz algum comércio?**

- ( ) Sim ( ) não

**Em caso de sim Qual atividade você exerce:**

---

**18– O que você fez com sua herança de terra?**

- ( ) Vendeu
- ( ) Trabalha nela
- ( ) alugou

➤ Se vendeu sua terra passou a viver de quê?

- ( ) comércio
- ( ) trabalhar no roça dos outros
- ( ) migrou para a cidade para trabalhar em lojas
- ( ) migrou para a cidade para trabalhar de empregada domestica

**19 – O que você cultivava em sua terra?**

- ( ) somente fumo
- ( ) fumo e mandioca
- ( ) fumo, mandioca, abobora, limão, laranja, amendoim, milho e etc.

**19- Você possui algum benefício do Governo ? Tipo Pensão, aposentadoria, bolsa Família.**

- ( ) sim ( ) não

➤ Se respondeu sim em que ANO adquiriu o benefício? \_\_\_\_\_

➤ Esse benéfico é suficiente para manter sua família? ( ) sim ( ) não

➤ Por quê?

---

**20- Para qual empresa você vende sua produção de Fumo?**

- ( ) atravessador
- ( ) armazém
- ( ) para outro agricultor

**21 – Qual armazém você vende seu fumo?**

---

**22 – Você consegue viver somente da renda proveniente do fumo? ( )sim ( ) não**

**Por quê?** \_\_\_\_\_

**23 – você já migrou para trabalhar em cidades da região ou em Salvador, São Paulo?**

- ( ) sim ( ) não

**Por quê?** \_\_\_\_\_

**24 – O que lhe fez retornar para São José de Itaporã**

- ( ) O amor ao lugar, a cultura, as festas
- ( ) apenas por causa da família
- ( ) Não se adaptou na cidade

➤ **Por que não se adaptou na cidade?**

---

**25 -Quando teve a crise do fumo em 1980 você não foi embora por quê?**

- ( ) Amava seu terra
- ( ) por que não tinha Estudo
- ( ) Nunca pensou em Sair de São José

**Sobre o Autor:**

Alex de J. Oliveira é professor Titular do CETEP Recôncavo II Alberto Tôrres. Graduado em História – UNEB /Campus V; Especialista em Ciências Humanas pela FACINER/CURITIBA; Especialista em História Regional e Local – UNEB/Campus V, Mestre em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento – UFRB. Reside em Cruz das Almas - Bahia.